



Ana Patrícia Silva

## A influência da Internet na produção jornalística

Relatório de estágio de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientado pelo  
Doutor Sérgio Correia Santos, apresentado ao Departamento de Filosofia,  
Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de estágio</b>
<b>Título</b>	<b>A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Ana Patrícia da Silva</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Sílvio Correia Santos</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo</b>
<b>Área científica</b>	<b>Jornalismo</b>
<b>Data</b>	<b>2016</b>



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*À minha mãe e à minha avó Patrícia,  
as mulheres da minha vida*



## **Agradecimentos**

Este relatório não seria possível sem um conjunto de pessoas que me acompanharam durante estes últimos meses; agradecer ainda às mesmas que estiveram também em todo o meu percurso académico. Sem elas era muito difícil fazer este caminho.

À minha mãe, em primeiro lugar, por nunca ter colocado entraves nas minhas escolhas e por tudo o que sempre fez e faz por mim.

A toda a redação de informação da Antena 1 de Vila Nova de Gaia, aos jornalistas, produtoras e técnicos, pela forma como me receberam, pelos conhecimentos transmitidos e pela simpatia. Em especial ao meu orientador, Miguel Soares, pelos trabalhos, pelo incentivo, devidas correções e conselhos; à Cláudia Costa, por me deixar acompanhar o “Portugal em Direto” e por todos os conhecimentos e conselhos transmitidos; à Lurdes e à Isabel pelas saídas em reportagem, disponibilidade e simpatia.

Um sincero obrigada ao meu orientador, Doutor Sílvio Correia Santos, pela ajuda neste percurso; pela disponibilidade e rapidez nas respostas e pela forma pronta como me ajudou com os contratempos que marcaram este relatório.

À Flávia e à Kate por serem as melhores amigas, companheiras e colegas de casa que se pode ter. Agradecer pela força, pela motivação, pelas palavras que sempre me deram, pela companhia nesta fase e por nunca me deixarem desistir a cada momento menos bom. Ao resto dos meus amigos que me motivaram, acompanharam e me fizeram nunca perder o pensamento positivo.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação e percurso académico.



## **Resumo**

A evolução tecnológica que vivemos nas últimas décadas veio alterar a forma como as pessoas se comunicam e se informam. Agora, estamos à distância de um clique de todas as informações que pretendamos ter em determinado momento do nosso quotidiano. Com a introdução da Internet nas redações dos meios de comunicação, também a rotina dos jornalistas e o jornalismo sofreram alterações.

Este relatório pretende refletir, essencialmente, sobre o impacto e a influência que a Internet exerce no dia a dia das redações, mas refletir também sobre o estágio e sua importância entre a nossa formação académica e posterior entrada no mercado de trabalho. Para isso, são abordados aspetos como a pesquisa, produção e difusão (*online* e *offline*) dos conteúdos noticiosos.

A escolha deste tema resulta da experiência tida durante o estágio na redação de informação da Antena 1, no Centro de Produção do Norte. Durante esse período, tornou-se evidente que toda a atividade de um jornalista está, hoje em dia, dependente da Internet.

**Palavras-chave:** Internet; redes sociais; jornalismo; rotinas jornalísticas; rádio; estágio.

## **Abstract**

Technological developments that we've lived in the last decades have changed the way people communicate with each other and inform themselves. Now, we are just a click away from all the information we need for our daily routines. With the introduction of the Internet in the newsrooms of the media, the routine of the journalists and journalism has also changed.

This report pretends to reflect mainly on the impact and influence that the Internet plays in daily newsrooms, but also to reflect on the internship and its importance between our academic degree and further admission to the labor market. This requires some aspects such as survey, production and broadcast (online and offline) of news contents.

The choice of this theme results from the experience taken during the traineeship in the redaction of the "Antena 1" news in the North Production Center. During that period, it became clear that all the redaction activities of a reporter depends, nowadays, from the internet.

**Keywords:** Internet; social networks; journalism; journalism routines; radio; internship.



# Índice

Introdução .....	10
Capítulo 1 .....	12
Introdução .....	13
1. Breve contextualização da RDP e da rádio em Portugal .....	13
2. A experiência na Antena 1 .....	18
2.1. Dia a dia na redação .....	19
2.2. A minha experiência durante o estágio .....	21
2.3. Considerações gerais e reflexão .....	25
Capítulo 2 .....	27
Introdução .....	28
1. Tema em análise: A influência da Internet na produção jornalística .....	29
2. A sociedade e os meios de comunicação.....	29
3. Internet: um fator de mudança?.....	31
4. Jornalismo multimédia .....	34
4.1. A evolução e adaptação dos <i>media</i> .....	34
4.2. Características da nova realidade .....	35
4.3. Desafios para a profissão.....	37
5. As inovações tecnológicas no jornalismo .....	39
6. A Internet nas práticas jornalísticas.....	40
7. A influência das redes sociais .....	47
Considerações finais.....	51
Referências bibliográficas .....	53

## Introdução

O presente relatório de estágio resulta da experiência de estágio de três meses na redação de informação da rádio Antena 1, da RTP, em Vila Nova de Gaia, no âmbito do 2º ano do Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

As inovações tecnológicas às quais temos estado sujeitos nas últimas décadas alteraram a forma como nos relacionamos com as pessoas, com a vida profissional, com a informação veiculada pelos meios de comunicação e com o mundo em geral. A tecnologia favoreceu, por isso, uma melhoria no acesso a informações que pretendemos obter a qualquer momento do nosso dia a dia. Mas a tecnologia veio, também, alterar a forma como as profissões são encaradas. No caso do jornalismo, com a introdução da Internet nas redações dos *media* nos anos 90, a rotina dos seus profissionais começou aos poucos a ser alterada e, por consequência, o jornalismo sofreu também ele alterações. Assim, são, por isso, vários os desafios e oportunidades que a presença da Internet trouxe para as redações dos meios tradicionais e é precisamente esse o mote para a análise a que nos propomos ao longo deste trabalho.

Este relatório, para além das naturais reflexões acerca do estágio e da sua importância enquanto momento pivotante entre a formação académica e o mercado de trabalho, pretende também refletir sobre o impacto e a influência que o uso da Internet exerce nas rotinas diárias nas redações dos meios de comunicação tradicionais e, para isso, torna-se necessário tratar questões como a pesquisa, produção e difusão. A escolha deste tema<sup>1</sup> resulta da experiência tida durante o estágio, durante o qual se tornou evidente que toda a atividade de um jornalista está, hoje em dia, dependente da Internet e, sem ela, o dia a dia de um jornalista muda significativamente.

O estágio curricular, que deu mote a este trabalho, teve início a 2 de novembro de 2015, na Antena 1, no Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia. Na redação da Antena 1, há equipas da área de programação e de informação. A oportunidade de realizar um estágio é sempre um momento de grande importância antes de nos inserirmos no mercado de trabalho. É o momento em que estamos, pela primeira vez, numa redação de um meio de comunicação social, no qual podemos pôr em prática a aprendizagem tida durante o nosso percurso académico e, sobretudo, usar esse mesmo percurso académico para absorver ao máximo as dinâmicas da produção jornalística.

---

<sup>1</sup> No entanto, é necessário ressaltar que este tema é uma segunda escolha, porque o primeiro se revelou impossível de pôr em prática, já no decorrer dos trabalhos.

Este relatório de estágio divide-se em dois capítulos que, para além de refletirem sobre o estágio, pretendem analisar esta nova realidade que a Internet veio trazer às redações, essencialmente, na produção dos conteúdos. Assim, no primeiro capítulo, pretende-se enquadrar a história do meio de comunicação social onde foi realizado o estágio curricular, contextualizando-a na história da rádio e do jornalismo radiofónico em Portugal. Numa tentativa de introduzir a questão central deste relatório de estágio, o segundo capítulo centrar-se-á, numa primeira parte, na explicação e na contextualização de conceitos e de realidades que ocorreram nos últimos anos após a inserção do multimédia nas redações dos meios de comunicação. Por isso, o capítulo começa com um enquadramento e uma reflexão sobre a Internet como fator de mudança para o jornalismo e termina com a abordagem ao jornalismo multimédia, no qual se discorre sobre as características desta nova realidade e os desafios que estas mudanças nas práticas jornalísticas têm para a profissão. Na segunda parte do capítulo deste trabalho, far-se-á uma contextualização sobre as inovações tecnológicas que transformaram o jornalismo nos últimos anos, dando maior enfoque à influência da Internet e das redes sociais na prática jornalística e como isso pode alterar a atividade profissional em que se insere.

# **Capítulo 1**

## **Um estágio na rádio de serviço público**

## **Introdução**

Este primeiro capítulo do relatório de estágio é dedicado ao estágio curricular realizado na Antena 1, no Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia.

Durante este capítulo, começaremos por enquadrar a rádio de serviço público portuguesa, fazendo, por isso, referência a uma breve história da estação, contextualizada numa história da rádio em Portugal.

Realizar um estágio curricular é fazer uma ponte e uma preparação entre a nossa formação académica e a nossa entrada no mercado de trabalho. Além de funcionar como uma reflexão sobre a profissão e as suas condutas a fim de nós mesmos as questionarmos, pomos também em prática e melhoramos aquilo que fomos estudando ao longo dos anos. Estagiar numa redação da RDP significa, pela produção de programas e noticiários existentes num centro de produção fora da capital, ter a oportunidade de estar mais perto de diversas situações que nos permitem aprender, mas também questionar sobre a rotina dos jornalistas no dia a dia. Foi na experiência que obtive durante o estágio que o tema para este relatório surgiu, por isso tratar a história da RDP e da rádio e do jornalismo radiofónico no país, a par com o relato da experiência de estágio, é fundamental para tratar o capítulo seguinte.

### **1. Breve contextualização da RDP e da rádio em Portugal**

Foi no século XIX que se deu início às emissões de rádio com as experiências de radiodifusão feitas por Marconi no ano de 1894. Em Portugal, as primeiras emissões mais regulares começaram no outono de 1924 (Santos, 2005, p. 138).

Foi ainda durante a década de 30 que nasceram as três estações que dominaram a rádio em Portugal desde a sua criação durante o Estado Novo até à nacionalização em 1975: o Rádio Clube Português, fundado em 1931; a Emissora Nacional, que nasce em 1935 e dá lugar à designação de Radiodifusão Portuguesa (RDP), em 1976; e a Rádio Renascença (RR) com as emissões experimentais em 1936. Paula Cordeiro explica-nos como foram as duas primeiras décadas de rádio em Portugal:

“Os chamados anos de ouro da rádio, que oscilam entre 1930 e 1950, traduziram-se num fenómeno de radiodifusão que procurava reconstruir a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora. Os programas humorísticos estavam sob vigilância da censura, obrigando a manobras linguísticas para

que os textos passassem. Muitos ‘sketches’ faziam piadas disfarçadas ao regime, à semelhança do que se fazia no teatro de revista” (Cordeiro, 2004a, p. 2).

Para traçar a história da RDP, iremos basear-nos no livro “Da rádio estatal ao modelo integrado: compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal” (Santos, 2013). Enquanto na Europa já existiam rádios públicas, como por exemplo a BBC, que foi criada em 1922, em Portugal a rádio pública só viria a surgir em 1935 com a Emissora Nacional de Radiodifusão. Apesar de a Emissora Nacional ter nascido, oficialmente, em 1935, com os estúdios no nº2 do Quelhas, as suas primeiras experiências começam em agosto de 1933 e prolongam-se por cerca de um ano.

Após a inauguração da rádio oficial, a programação era de nove horas diárias, com distribuição pelas horas de almoço, fim de tarde e da noite, e os conteúdos incluíam programas musicais – essencialmente música gravada – e palestras – na sua maioria de temas políticos perfilados com o regime –, programas infantis, recitações e leituras, programas de propaganda das terras portuguesas, efemérides, cotações da bolsa, diário do governo, uma revista de imprensa e programas dedicados à mulher de cariz pedagógico (Santos, 2013, p. 44).

A Emissora Nacional era caracterizada por ser um instrumento a favor do Estado e criado por ele, por isso tinha uma secção política que cuidava do enquadramento dos conteúdos – uma vez que tinham que estar a par com os pilares ideológicos do regime (Santos, 2013, p. 45).

O futebol passa a estar nas emissões em 1938 e começou-se a transmitir os jogos aos domingos à noite.

Ao longo da década de 40, a programação foi-se alterando; com a nomeação de António Ferro para dirigir a emissora, a 26 de maio de 1941, a vontade era de aligeirar a programação mas mantendo a programação cultural (Ribeiro citado por Santos, 2013, p. 54).

Até meados da década de 70, o regime político controlava os meios de comunicação. Era feita censura prévia às publicações periódicas, às emissões de rádio e de televisão e controlavam-se as publicações não periódicas nacionais e estrangeiras. A rádio servia o poder político e manipulava a opinião pública, defendendo os valores do Estado Novo:

“A radiodifusão estava reservada aos governantes e todas as iniciativas que pudessem prejudicar o regime eram imediatamente proibidas” (Cordeiro, 2004a, p. 2).

A rádio tinha um único propósito: distrair a população, por isso, a programação estava virada apenas para o entretenimento. Na década de 50, a programação era maioritariamente

baseada no divertimento. A música tinha então um lugar central nas emissões da rádio nesta altura. Esta foi uma década que se assinalou, essencialmente, pelo crescimento do número de ouvintes.

Com o aparecimento da televisão nos anos 50 em Portugal (a Radiotelevisão Portuguesa – RTP – iniciou as suas emissões regulares a 7 de março de 1957), a rádio teve de se reinventar. Mas não foi só pelo aparecimento de um novo meio de comunicação que a rádio se viu obrigada a mudar. Era preciso distanciar-se da forma de comunicação das duas primeiras décadas para dar um novo rumo à rádio. Assim, na década de 60, vários foram os programas que se aproximaram do limite daquilo que a censura ainda permitia que fosse para o “ar”. Também esta década foi importante na divulgação de cultura e a informação passou a ter um novo papel na programação.

A década de 60 foi caracterizada pelo aumento dos noticiários e de programas de informação nas suas emissões: era a EN a estação que mais noticiários transmitia no início da década (Ferreira citado por Santos, 2013, p. 77), mas apenas era transmitida a versão oficial. A Emissora Nacional destaca-se, nesta altura, pela propaganda de integração e pela contrapropaganda (Cristo citado por Santos, 2013, p. 77): a de integração tinha sido alargada nos anos 50, na qual se incluía o programa “Hora da Saudade” por exemplo; na contraprogramação estavam as respostas à emissão de algumas rádios clandestinas, como, por exemplo, o programa “A verdade é só uma. Rádio Moscovo não fala verdade” (Santos, 2013, p. 77).

Dá-se o fim do Salazarismo no final da década de 60, mas, apesar de não ter havido uma verdadeira reforma do regime no país, durante o período da chamada “Primavera Marcelista” (1968-1970), na rádio passaram a ser feitos programas e reportagens informativos que marcaram a história da informação por cá e caracterizavam-se por finalmente não serem espaços com propaganda ao regime.

1974 foi um ano importante para o país e para a rádio. Foi através da rádio que se mobilizaram as forças militares para a revolução de abril. Após a revolução, graças ao fim da censura e à conquista da liberdade de expressão, a rádio mostrou que podia provocar discussão e gerar o diálogo na população. O 25 de abril permitiu ainda a nacionalização das rádios em Portugal no ano após a revolução, com exceção da RR.

Após a revolução, vivia-se um período de grande criatividade e era dada maior atenção à informação: os jornais das 13h e das 20h passaram a ter a duração de uma hora, com uma dinâmica nova, com reportagens e elementos sonoros.

Em 1976, nasceu finalmente uma “entidade prestadora de um serviço público” (Santos, 2013, p. 115), uma empresa que se passa a designar a partir de agora de Radiodifusão Portuguesa (RDP). O contexto da RDP revelava grandes preocupações ao nível da salvaguarda da sua autonomia em relação aos poderes político e económico, à representação dos trabalhadores nos órgãos de gestão e fiscalização e dos ouvintes num órgão de base, de forma a permitir um pluralismo ideológico (Santos, 2013, p. 127). Com a aprovação do estatuto da RDP (em abril de 1976), a rádio tinha agora uma tentativa para ser um meio independente, mas a sua aplicação nunca foi fácil (Santos, 2013, p. 129).

Com a nacionalização em 1975, a RDP passou a ter várias estações e o regulamento provisório de 1976 definia quatro canais: o Programa 1 era o herdeiro do programa principal da EN; o Programa 2, à imagem do seu antecessor da EN, tinha uma dimensão cultural; o Programa 3 era constituído por uma emissão comercial, com predomínio de música ligeira e alguns conteúdos a cargo de produtores independentes; e o Programa 4 era um canal moderadamente comercial, com conteúdos musicais (ligeiros ou eruditos) de qualidade (Santos, 2013, p. 133).

No final da década, é extinta a direção do serviço de programas e são criados quatro centros de produção: programas comerciais, não comerciais, informação e exploração (Santos, 2013, p. 137). É, pela primeira vez, autonomizada a informação na rádio pública e ganha uma linha de orientação específica que correspondia à identidade de cada canal (Santos, 2013, p. 137).

Segundo Paula Cordeiro (2004a), a falta de legislação sobre radiodifusão e a limitação às entidades privadas de poderem abrir as suas próprias estações resultou no aparecimento de rádios livres por todo o país, as chamadas rádios piratas, na década de 80:

“Estas rádios inovaram e experimentaram novos formatos, preenchendo espaços de criatividade que tinham sido deixados em aberto pelas rádios nacionais. O conteúdo programático não tinha grande definição, ou preocupação com as expectativas dos ouvintes. No campo da informação, concretizam-se habilmente uma tendência de carácter local, dando notícias aos ouvintes da zona onde os retransmissores escondidos emitiam ilegalmente” (Cordeiro, 2004a, p. 4).

Proveniente desse movimento de rádios piratas surgiu uma das rádios com grande destaque ainda nos dias de hoje, a TSF, que, segundo Rogério Santos (2005), começou a transmitir experimentalmente em junho de 1984 e, a 29 de fevereiro de 1988, arrancou com as emissões regulares.



A situação ilegal das rádios piratas levou a que fosse criada uma lei que regulamentasse e colocasse alguma ordem no setor. A legalização destas rádios chegou no final da década de 80, em 1989. Foram “muitas as rádios piratas [que] desapareceram, em favor das mais fortes e organizadas, numa tentativa para adequar a quantidade de rádios ao mercado nacional”, explica Paula Cordeiro (2004a, p. 4).

Em 1982, é finalmente usada na empresa a expressão serviço público no sentido da tradição europeia do termo (Santos, 2013, p. 145). Mas, os anos 80 são um período de grande questionamento do serviço público na Europa, essencialmente por causa de os operadores públicos se aproximarem dos privados para não perderem o seu público (Santos, 2013, p. 147).

Uma das mais importantes mudanças na história da RDP é a venda da Rádio Comercial (RC) em 1993, porque permite à RDP assumir definitivamente a sua missão de serviço público como a sua atividade principal como ainda não tinha acontecido (Santos, 2013, p. 179). Os principais entraves à separação da RC eram as receitas e as audiências da mesma, uma vez que a RC era responsável por mais de metade das audiências da RDP (Santos, 2013, p. 181). Esta foi uma rádio que marcou o seu tempo pela inovação e pela dinâmica, principalmente na década de 80. Com a venda da RC, a publicidade é retirada de todos os canais, deixando o mercado publicitário apenas para os operadores privados.

No início de 1994, o estatuto jurídico da rádio pública é alterado e a RDP passa a sociedade anónima no seguimento do que havia sido feito à televisão (Santos, 2013, p. 192). Esta alteração do modelo empresarial permitiu uma maior flexibilidade na gestão, em relação ao modelo anterior. O objetivo era que a rádio pública respondesse com mais eficiência aos novos desafios que tinha em mãos, tendo em conta a sua missão de serviço público. Assim, são fortalecidos, por estatuto, pilares do serviço público, como a independência. O Estado deixa, assim, de ter poder diretivo e tutelar, passando apenas a ser acionista.

As estações voltam à sua denominação anterior: Antena 1 e Antena 2, a RDP I passa a RDP I – Rádio Portugal (Santos, 2013, p. 193). Arlindo Carvalho pretende emissões mais ligeiras para atrair público e isso está na base das mudanças das duas estações: a Antena 1 aposta em novas manhãs e a Antena 2 aligeira a emissão, apostando em mais informação e reduzindo a ópera e a palavra (Santos, 2013, pp. 193-194).

Em 1996, há uma clara aposta na informação da RDP: assim, em destaque, na Antena 1, passa a estar o programa da manhã (das 7h às 10h) – que é um espaço marcadamente informativo –, ganham espaço também o debate e o comentário e, ao nível da programação, faz-se uma aposta e reforça-se a presença em antena da música portuguesa.

É em 1998 que a rádio pública salta para duas novas plataformas: desenvolve-se o sítio da Internet, com quatro emissões em *streaming* e algum áudio *on demand*; e materializa-se a grande aposta da RDP: o DAB, sigla para *Digital Audio Broadcasting* (Santos, 2013, p. 200).

Na Internet desde então, o seu *site* é enquadrado nas práticas da época: canais em *streaming* e informações institucionais simples. Dois anos depois, o *site* evoluiu significativamente, ao nível da estrutura e ao nível da informação disponibilizada; nessa altura, incluíam-se já as informações de trânsito e de desporto. Esta disposição *online* manter-se-ia até 2003, altura em que a revolução organizacional da rádio a fez alterar (Santos, 2013, p. 201).

Em 1999, a RDP assina com o Estado o Contrato de Concessão do Serviço Público, no qual se diz que a única fonte de receitas da RDP resulta da cobrança da taxa de radiodifusão (Santos, 2013, p. 197).

O fim da década de 90 e o novo milénio trouxeram novos desafios para a comunicação social em Portugal, em especial para a rádio. A concorrência já existia entre os meios tradicionais, mas a Internet foi ganhando um novo espaço com o passar dos anos: criou “novos modelos” (Cordeiro, 2004, p. 5) e forçou “todos os meios de comunicação a servirem-se dela enquanto suporte para se fortalecerem, naquele que se apresenta como o século da comunicação interativa” (Cordeiro, 2004, p. 5).

Depois do modelo fragmentado, a rádio pública é absorvida pela reestruturação do setor audiovisual público, por causa da grave situação financeira da televisão. A RDP desaparece enquanto concessionária do serviço público de rádio e é substituída pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 2004, um operador integrado. É assim o momento de implementação em Portugal do conceito de Media de Serviço Público (Santos, 2013, p. 213).

## **2. A experiência na Antena 1**

O estágio curricular na Antena 1 teve início a 2 de novembro de 2015 e terminou a 1 de fevereiro de 2016. Na Antena 1, um estágio curricular serve, essencialmente, para dar ferramentas e conhecimentos aos estudantes universitários, pela observação do trabalho dos profissionais, dentro e fora da redação, e pela construção de trabalhos jornalísticos, que, posteriormente, são corrigidos pelo orientador designado (e/ou outros jornalistas).

O meu orientador de estágio na Antena 1 foi o jornalista Miguel Soares, editor dos noticiários entre as 11h e as 15h durante o período do meu estágio, e, esporadicamente, do noticiário das 10h ou das 16h da Antena 2.

## 2.1. Dia a dia na redação

No Centro de Produção do Norte, em Vila Nova de Gaia, há equipas da área de programação (por exemplo, para o “Cinemax”) e de informação; nesta última, além de haver uma secção de desporto, são produzidos os noticiários e programas de informação como o “Portugal em Direto”, “Antena Aberta” e o “Ponto de Partida”. Há, por isso, na parte da rádio duas redações, a maior é a de informação porque também são mais os profissionais que a integram. Há ainda dois estúdios, o principal (e também maior) e outro, onde normalmente eram gravadas entrevistas (por exemplo, para o tema central do “Portugal em Direto” quando é gravado ou programas (como o “Grandes Adeptos”). Relativamente aos estúdios, eram quatro técnicos que faziam parte da equipa, tendo-se acrescentado mais um no fim do meu estágio. O trabalho deles consistia em editar, gravar, colocar programas e noticiários *online* e fazer a emissão em direto e, em jogos, estar nos estádios a fazer a emissão com os jornalistas.

Quanto às redações, nem sempre foi assim. No início do meu estágio, a equipa de programação não trabalhava no mesmo piso da rádio e inclusive a redação de informação estava dividida em duas: uma pertencia à equipa da manhã 2 e na outra estavam os restantes profissionais. A partir de meados de dezembro, as redações foram alteradas, passando a estar a equipa de programação no piso da rádio e os jornalistas e as duas produtoras a estarem todos juntos numa mesma redação. No meu entender, apesar de haver mais alguma confusão pelo número de pessoas, esta fusão foi uma mais valia, uma vez que era possível estar a par das rotinas e dos trabalhos que estavam a ser desenvolvidos por todos os jornalistas.

Quando chegava à redação, a manhã 1 estava quase a terminar e, por isso, nunca acompanhei muito o trabalho realizado pelos dois jornalistas da equipa do Norte, mas era perceptível o apoio a ser dado à redação de Lisboa com entrevistas e/ou peças gravadas. A equipa da manhã 2 era constituída por três jornalistas e uma produtora, e davam também apoio à equipa do “Portugal em Direto” sempre que necessário, que era constituída por três jornalistas (uma das quais fazia parte da manhã 1 também) e uma produtora. O programa “Antena Aberta” era constituído apenas pelo jornalista António Jorge e pela produtora também do Portugal em Direto, Ilda Brito. Havia ainda a equipa de desporto com três jornalistas, a equipa de informação da tarde com dois jornalistas, a jornalista Eduarda Maio que faz o programa “Ponto de Partida”, a jornalista Cláudia Rodrigues que fazia os noticiários da Antena 3, mas que apenas esteve no meu primeiro mês de estágio por causa da gravidez, o jornalista Pedro Sá Guerra, que fazia parte da equipa da tarde e que, durante o meu estágio, esteve como correspondente, por exemplo, em França aquando dos atentados em Paris, e os correspondentes de outras cidades.

No meu último dia de estágio, os noticiários da manhã 1 voltaram a ser feitos no Centro de Produção do Norte e, por isso, juntou-se um novo jornalista à equipa da manhã 2 e do “Portugal em Direto”, já que no “novo” horário iriam estar os jornalistas Miguel Soares e Lurdes Dias, que pertenciam à manhã 2, mais os dois jornalistas da manhã 1 que já estavam, Frederico Moreno e Rosa Azevedo.

A rotina na redação era sempre igual. Quando chegava à redação, as informações sobre o tema do programa “Antena Aberta” já estavam obviamente a passar na rádio e/ou já estavam a abrir as linhas ou a poucos minutos de as abrir. Havia sempre algum ou alguns entrevistados durante o programa que eram normalmente contactados pela produtora Ilda Brito com os quais marcava também o horário de entrada no programa por telefone. Quando a linha de inscrição abria, apenas um telefone dava para isso. Várias vezes foi-me pedido pelo jornalista António Jorge para ajudar nas inscrições, quando não havia profissionais suficientes nas equipas. Realizar as inscrições é uma tarefa fácil, porque bastava atender o telefone e preencher as informações necessárias, como primeiro e último nomes, cidade de onde fala, idade, profissão e número de telefone ou telemóvel numa folha já preparada pela produtora no Excel, e, por vezes, esclarecer algum ouvinte sobre o tema do dia do programa. As inscrições estavam abertas até o programa terminar ou consoante o número de inscritos. Durante o programa, a folha dos inscritos era dada pessoalmente na régie do estúdio principal à produtora onde era feito o programa. A equipa da manhã 2 normalmente estava atenta aos noticiários das horas passadas, principalmente o último, aos noticiários televisivos dos canais informativos e aos principais meios de comunicações portuguesas como o *Público*, o *Expresso* e a *TSF*, os três no *online* e a rádio *TSF* ou por escuta ou também o *online*. Normalmente via-se o que estava em agenda para organizar horários, peças e entrevistas ou, se fosse caso disso, a saída em reportagem, para a qual ou já estava feito ou se fazia a marcação do carro pela produtora do noticiário, Francisca Alves. Além disso, era essencial estar atento aos novos assuntos dos *telex* no ENPS<sup>2</sup> ou notícias de outros *media*, que podiam ser importantes para o noticiário da hora. Face a isso, contactar os entrevistados, cortar sons, escrever breves ou peças e gravá-las era fundamental. Também por isso havia um contacto muito direto com a redação de Lisboa, para saber o que estavam a fazer relativamente a peças, entrevistas ou reportagens. Relativamente ao “Portugal em Direto”, normalmente viam-se as peças que já estavam programadas para o dia, algumas já editadas de dias passados ou, se fosse do dia, contactar os jornalistas ou correspondentes para saber como

---

<sup>2</sup> O ENPS é um programa muito usado na redação da Antena 1. Serve para receber os *telex* das agências de notícias, como a *Lusa*, *Reuters* e *Agence France-Press*. Nele também é possível enviar mensagens entre jornalistas, escrever os trabalhos jornalísticos e fazer o alinhamento e texto dos programas produzidos.

está a correr e a que horas conseguem ter terminado. Assim, escreviam-se os pivôs, estava-se atento à atualidade, porque em algum momento a atualidade podia “fazer cair” o que estava programado e preparava-se ou acabava de se preparar o tema principal, que tem normalmente uma entrevista em estúdio. A sensivelmente uma hora do programa ir para o “ar”, eram gravados normalmente pelo jornalista António Jorge dois ou três destaques do programa para sinalizar na emissão para o que viria a seguir.

O trabalho do jornalista é, essencialmente, ler, ouvir e escrever muito, estar atento à atualidade através do ENPS e dos outros meios de comunicação, contactar fontes e gravar entrevistas, pesquisar informações adicionais, acompanhar acontecimentos, escrever e gravar peças e reportagens, fazer dobragens quando necessário e contactar outros jornalistas e correspondentes.

Quando se saía em reportagem, era bastante perceptível a rapidez entre sair e voltar a entrar na redação, em preparar as entrevistas, em recolher e cortar os sons e também escrever o texto. Muitas vezes, os trabalhos radiofónicos e/ou os cortes e texto eram feitos no local para se enviar para a redação para que ainda fizessem parte do noticiário daquela hora, como foi o caso da saída em reportagem com a jornalista Lurdes Dias, que tinha como mote acompanhar o Congresso Nacional de Medicina organizado pela Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, no qual iam estar Maria de Belém e Rui Rio, por isso, após a entrevista aos jornalistas feita por Maria de Belém, a jornalista Lurdes Dias procedeu à audição da entrevista e enviou para a redação os sons pertinentes para fazerem parte do noticiário.

O estagiário numa redação como esta é visto como um outro profissional mas que não pode publicar peças com a sua voz, mas pode ajudar na maior parte das tarefas, mesmo que não seja tão rápido como os outros profissionais. A maioria dos jornalistas ajuda a que ele trabalhe mais e melhor e esclarece as dúvidas que ele possa ter, mas é importante que o estagiário também entenda que há momentos de grande azáfama, principalmente perto das emissões dos noticiários ou dos programas, e nessas alturas é impossível qualquer jornalista ceder algum tempo. Mas, com a rotina, torna-se perceptível saber quais são esses momentos e quais são as alturas em que podemos esclarecer dúvidas, pedir ajuda e até que vejam os nossos trabalhos.

## **2.2. A minha experiência durante o estágio**

Um dia de estágio começava, por norma, às 9h30m (hora estipulada pelo orientador) e terminava às 16h, apesar de, em alguns dias, entrar mais cedo ou sair mais tarde. Este horário de estágio, durante a edição dos noticiários, foi uma sugestão, já que havia uma maior dinâmica

na redação e poderia também perceber na prática as questões do imediatismo numa redação de rádio. Por diversos momentos, a atualidade alterava o alinhamento do noticiário praticamente todo a cinco ou dez minutos de ir para o “ar”. Realizar o estágio no horário da manhã dá-nos também a oportunidade de acompanhar outros programas, como o “Antena Aberta” e o “Portugal em Direto”, neste último tive a oportunidade de observar de perto os conteúdos e a sua emissão.

As tarefas que executei durante os três meses de estágio eram praticamente as mesmas que as funções de um jornalista da estação, exceto pelo facto de não poder publicar peças com a minha voz e sair em reportagem sozinha, todo o outro trabalho eu podia fazer como um jornalista “normal”. Assim, era fundamental ler e escrever muito e estar atenta aos noticiários televisivos sempre que possível por causa das notícias de “última hora” e estar atenta aos *telex* das agências, pesquisar informação adicional e contactos de fontes e corte de sons. Relativamente a estas tarefas, era perceptível o quanto nós tínhamos de ser rápidos e estar realmente atentos ao que se passava, seja na redação seja sobre a atualidade do país e do mundo. Foi-me possível e também por incentivo de alguns jornalistas, principalmente do meu orientador, preparar e gravar entrevistas.

Como já referido no ponto anterior, várias vezes o jornalista António Jorge me pediu para fazer as inscrições dos ouvintes do programa “Antena Aberta”. Era uma tarefa fácil, mas que exigia muita responsabilidade ao apontar as informações dos ouvintes porque na régie a produtora Ilda Brito ia, sempre que preciso, ligando para os ouvintes para os colocar em linha. Relativamente a esta tarefa, para o programa do dia 24 de dezembro, o jornalista António Jorge perguntou-me se havia possibilidade de eu estar na redação e tratar exclusivamente das inscrições dos ouvintes nesse dia. Nesse dia, realizei todas as inscrições e dei ao jornalista Nuno Moura Brás, que estava encarregue de ajudar na emissão. Pelas vezes que me foi possível fazer esse trabalho, foi-me possível melhorar a comunicação com os ouvintes, sempre que eles pretendessem que eu esclarecesse o tema do programa, além de aprender como funciona tecnicamente a ligação e corte de linha das inscrições.

Além das tarefas já referidas, saí algumas vezes em reportagem com as jornalistas Lurdes Dias e Isabel Cunha; gravava peças (a ideia neste trabalho é equilibrar o texto com os sons, de modo a que se complementem, e o recurso aos sons podia ser de outros jornalistas da rádio, Porto ou não, ou sons da *Lusa*, por exemplo) e reportagens (sempre que saía em reportagem com as jornalistas da Antena 1, Lurdes Dias e Isabel Cunha); fiz breves (a partir de notícias de outros órgãos de comunicação e/ou agências de notícias, construíam-se pequenos textos noticiosos sem recorrer a qualquer tipo de sons) e pivôs de peças de outros jornalistas (para

serem lançadas peças e reportagens); fiz duas dobragens; falava com os jornalistas de outras redações sempre que necessário; fiz a edição de um noticiário ainda no primeiro mês de estágio (constituído por lançamentos e rodapés, pivôs, peças e breves); locução dos conteúdos; um perfil; e preparei alguns temas centrais (com contextualização, pivô e preparação da entrevista) do “Portugal em Direto”.

O primeiro dia teve como principal objetivo conhecer a redação e o horário de estágio. No Centro de Produção do Norte, durante o meu estágio, eram feitos noticiários, para a Antena 1, entre as 11h e as 15h, a chamada equipa “manhã 2”; e alguns programas informativos.

Em relação ao trabalho prático no primeiro dia de estágio, aprendi o funcionamento de um dos programas usados, o ENPS, e produzi um texto, com recurso a notícias portuguesas e estrangeiras, e gravei a locução do mesmo. Este trabalho servia para que o orientador, o jornalista Miguel Soares, percebesse em que ponto estava a minha escrita e a minha locução para que se pudesse avaliar as melhorias ao longo do estágio desde o primeiro dia. Neste primeiro trabalho, as únicas dificuldades foram a escrita mais direta e que se vincasse de forma clara, para o ouvinte, as duas versões existentes sobre o acontecimento da notícia; ao nível da locução precisava de melhorias.

Os dias seguintes até ao fim do estágio não tiveram uma linearidade na progressão da dificuldade. Para ilustrar essa ideia, no segundo dia de estágio, o orientador deu-me um trabalho para fazer: uma peça que incluía uma entrevista por telefone. Ao longo dos três meses de estágio, foi-me incentivando a fazer algumas dessas entrevistas, que, por isso, requeriam uma preparação maior sobre a notícia e o assunto da mesma e, conseqüentemente, uma preparação do guião de entrevista. Era, essencialmente neste aspeto que a Internet era fundamental no trabalho jornalístico: de forma rápida procurávamos informações sobre o tema ou outras notícias relacionadas com o tema em questão.

Relativamente à edição dos trabalhos radiofónicos, apesar de a Antena 1 ter uma equipa de técnicos de som, é importante ter conhecimentos para trabalhar com os programas de edição, nomeadamente o Dalet<sup>3</sup>, uma vez que permite ao jornalista na redação ter uma maior independência para tratar sons que não precisam de grande edição. Este era um programa que eu não conhecia porque, em trabalhos académicos, os usados eram o Adobe Audition e Audacity e a adaptação ao Dalet foi relativamente simples, uma vez que o uso dos outros dois programas durante a faculdade facilitaram o trabalho, tornando-o mais intuitivo mesmo que o programa fosse diferente e isto não aconteceria se não tivéssemos de todo conhecimentos. No

---

<sup>3</sup> Dalet é o programa de edição de sons e gestão de emissão usado na Antena 1.

segundo dia de estágio, o orientador mostrou-me as ferramentas principais e, durante o resto do estágio, fui aprendendo outras ferramentas à medida que precisava.

As saídas em reportagem foram bem mais escassas do que aquilo que eu esperava antes de iniciar o estágio. No caso da Antena 1, isto deve-se, essencialmente, pelo número de profissionais presentes na equipa: a da manhã 2, no Porto, era constituída por três jornalistas e uma produtora. Com a diminuição de funcionários que ocorreu nos meios de comunicação portugueses, é muito difícil que os jornalistas de rádio saiam para cobrir grande parte dos acontecimentos, já que sair em reportagem implica, logo à partida, um período de tempo sem estar na redação. Foi a partir destas situações que se percebeu como a Internet e o trabalho a partir da redação, por exemplo, no contacto com as fontes por telefone, serviam para produzir os conteúdos informativos. Por isso, as saídas em reportagem aconteciam quando o assunto era realmente importante e/ou se deveria recolher sons no local. Assim, a minha primeira saída em reportagem durante o estágio foi com a jornalista Isabel Cunha na minha segunda semana de estágio e destinava-se a fazer uma reportagem sobre a exploração de aquacultura e piscicultura em Ílhavo. Escrever e editar esta reportagem foi um desafio, uma vez que estava habituada a fazer reportagens com uma duração de tempo maior que 5' e, neste caso, o máximo seria de 2'30'' – uma vez que só as grandes reportagens é que têm espaço em rádio para uma maior duração –, além de que as entrevistas feitas tinham muito tempo de gravação e tornava-se difícil escolher as partes mais importantes e interessantes para colocar na reportagem. Durante os três meses de estágio saí da redação oito vezes, para assuntos completamente diferentes, alguns para reportagens outros por serem acontecimentos da atualidade. Estar em reportagem não é muito diferente da ideia que eu tinha antes de entrar para o estágio, mas é sempre uma boa oportunidade de estar em contacto com outros assuntos que não estamos habituados, a lidar com outras pessoas e a gerir o tempo para fazer os trabalhos. Apesar de não podermos ser nós estagiários a realizar as entrevistas em reportagem, sempre que saía com a jornalista Lurdes Dias ela dava-me a possibilidade de estar mais perto e gravávamos as duas a entrevista em questão. Essa possibilidade ajuda-nos a perceber o que é de facto estar num contexto onde há muitos outros jornalistas no local.

No começo do estágio, notei grandes dificuldades principalmente na mudança de uma escrita de imprensa para um estilo mais radiofónico, simples e direto, porque as notícias são feitas para serem apenas ouvidas, a adaptação àquilo que se podia ou não escrever em rádio e o uso de um registo mais “Antena 1” e, sendo esta rádio para todos os cidadãos, é importante que as notícias sejam construídas com uma linguagem acessível a todos. Mas essa dificuldade apenas poderia ser ultrapassada com a experiência e, por isso, era necessário escrever mais e



mais. Penso que ao fim de três meses de estágio essa dificuldade foi ultrapassada, uma vez que os jornalistas já não corrigiam essas questões. Também no início não estava habituada a gravar entrevistas curtas e isso dificultava muito os cortes das partes mais importantes. Ainda relativo às entrevistas, era costume da minha parte mostrar aos jornalistas o guião que elaborei para fazer a entrevista, no início davam alguns conselhos de alguma coisa que pudesse faltar, mas, com o tempo, o guião já era aceite sem recomendações. Relativamente às entrevistas e pelo facto de em rádio ser tudo muito mais imediato, consegui perceber o que é precisar realmente de fazer uma entrevista, o entrevistado não atender e, no fim, não ser possível tratar determinado assunto porque a atualidade não permite que esse assunto possa ser usado nas próximas emissões.

Ainda em relação às principais dificuldades no que diz respeito a peças e reportagens, a maior dificuldade era em relação à duração, tal como já referi anteriormente. Mas também a locução, já que quando saímos da faculdade não temos muita experiência e prática e isso apenas é alterado com o maior número de gravações que se faça. Também o caso do perfil foi uma dificuldade, porque é um género que nunca tinha explorado, principalmente em rádio, durante a licenciatura e mestrado, e, por isso, houve alguma dificuldade em recolher e seleccionar as informações e contá-las “para rádio”.

Relativamente às melhorias tidas durante os três meses de estágio, é possível dizer que houve de facto muitas melhorias, já que os trabalhos e a abertura dos profissionais da estação permitiram que isso acontecesse, graças à ajuda e a predisposição para incentivar e mostrar assuntos que poderia trabalhar. Consigo agora perceber o que fazia mal no início do estágio e perceber, também, o que me foi ensinado durante o percurso académico.

### **2.3. Considerações gerais e reflexão**

O estágio curricular é uma boa oportunidade de pôr em prática e perceber o que aprendemos durante a nossa formação académica, aquilo que é uma mais valia e aquilo que de facto pode até não nos ajudar, e perceber o funcionamento de uma redação e todos os constrangimentos inerentes à prática jornalística. Todos os trabalhos feitos durante o estágio foram uma boa forma de desenvolver, principalmente, o texto radiofónico e saber lidar com as práticas rotineiras de um jornalista numa redação de rádio.

É natural que ao longo do estágio haja melhorias no trabalho realizado e daquilo que percebemos ser certo ou errado fazer, no entanto é também normal que, por vezes, surjam dúvidas em relação a determinados assuntos ou até em relação às formas de conduta e de

comportamento que estamos a ter, no entanto também isso é uma questão de aprendizagem e de tempo de trabalho.

O estágio, além de nos mostrar o que é ser jornalista, ajuda-nos a perceber se, de facto, é uma profissão como estávamos à espera que fosse, ou se até conseguimos realizar as peças e as reportagens como um profissional. Para isso, é essencial que haja ajuda, esclarecimento e conselhos/recomendações durante o dia a dia do estágio curricular, caso contrário saber como fazer e melhorar os trabalhos deixa de ser possível.

Penso que a experiência de estágio que tive na redação da rádio pública foi muito positiva para melhorar algumas competências, perceber as formas de “fazer rádio”, o que pode e deve ser alterado no funcionamento do jornalismo radiofónico em Portugal e qual inclusive o futuro que a rádio precisa por cá. Para quem acaba de entrar na sua experiência mais profissional, pode ser, por um lado, assustador por haver principalmente bases teóricas e poucas práticas, no entanto, se essas forem sólidas é possível que o trabalho seja melhor com o passar do tempo; por outro lado, a convivência profissional passa a ser outro aspeto com o qual nos deparamos e que temos de aprender a gerir e a melhorar. Além de que um estágio acaba por ser muito compensador a nível pessoal e profissional também, por ser uma experiência por vezes difícil obter em grandes empresas.

## **Capítulo 2**

Desenvolvimento do tema – A influência da Internet na produção jornalística

## Introdução

A experiência durante o estágio curricular determinou a escolha deste tema relacionado com a influência que a Internet exerce sobre as rotinas dos jornalistas. Para isso é determinante contextualizar com conceitos e com marcas importantes das décadas anteriores à introdução integral da Internet nas redações dos meios de comunicação social.

Graças à incorporação de novas valências tecnológicas na sociedade moderna, os *media* tiveram de se organizar. Com a Internet deu-se uma simbiose dos conteúdos de todos os meios anteriores, os *media* tradicionais. A famosa citação de Charles Darwin ilustra bem as adaptações feitas pelos velhos meios para sobreviverem à chegada dos novos:

“As espécies que sobrevivem não são as espécies mais fortes nem as mais inteligentes, mas aquelas que se adaptam melhor às mudanças” (Charles Darwin).

Antes da Internet, cada meio transmitia a informação de acordo com a sua origem. Se os jornais usavam texto e imagem fotográfica, a rádio usava o som e a televisão pôde aglutinar todas as formas e acrescentou a imagem em movimento. No entanto, com a Internet, todos os meios tradicionais têm a oportunidade de usar os diversos formatos para contar o acontecimento noticioso, além de permitirem ao utilizador o seu percurso na escolha da leitura das notícias:

“(…) o jornalista tem, de facto, de tomar decisões sobre qual o formato, ou formatos, de *media* que melhor se adaptam a uma determinada estória (multimédia), tem de considerar opções que permitam ao público responder, interagir ou mesmo personalizar certas estórias (interatividade), e pensar nas maneiras de relacionar a estória com outras estórias, arquivos, e outros recursos através de hiperligações (hipertexto)” (Bastos, 2010, pp. 23-24).

Assim, numa sociedade como esta em que vivemos, os *media* tradicionais tiveram de se adaptar e o jornalismo, em específico, tem estado cada vez mais dependente da “tecnologia para a recolha, edição, produção e disseminação da informação” (Bastos, 2010, p. 21). Com a popularização e expansão da *web*, os *media* tradicionais encontraram um mundo a ser explorado, mas que veio provocar alterações na prática jornalística a dois níveis: na forma como o jornalista dos *media* tradicionais procedia à pesquisa de conteúdos, à recolha de informações e ao contacto com as fontes; por outro lado, implicou uma produção de notícias exclusiva e específica para as edições na *web* (Bastos, 2010, pp. 21-22). São essas alterações na prática

jornalística que a era da Internet provocou que vão ser analisadas neste capítulo, uma vez que fazem parte da realidade jornalística nos dias de hoje e da vivência sentida durante os meses de estágio.

## **1. Tema em análise: A influência da Internet na produção jornalística**

A temática escolhida para abordar neste relatório de estágio resulta de uma reflexão feita ao longo dos três meses de estágio sobre o impacto e a influência que, principalmente, a Internet exerce sobre o dia a dia das redações dos meios de comunicação social portugueses, desde que se toma conhecimento das notícias até à difusão das mesmas no seu meio original ou no *online*. A Internet é essencialmente usada para a leitura de notícias de agências de notícias e de outros meios de comunicação, pesquisa de informação e de contactos e o uso de programas que necessitam de conexão com a rede. Toda a atividade de um jornalista está, hoje em dia, dependente da Internet e, sem ela, torna-se já muito difícil trabalhar porque a sua utilização está muito marcada nas redações dos meios de comunicação.

Este tema vai ser tratado neste segundo capítulo do trabalho e que pode ser dividido em duas partes. Este segundo capítulo, numa primeira parte, está ligado àquilo que está antes das influências da Internet e das redes sociais para se fazer uma contextualização sobre o assunto. Assim, começa-se por uma explicação e contextualização de conceitos e de realidades que ocorreram nos últimos anos com a inserção do multimédia nas redações dos meios de comunicação. Para isso, procede-se a uma reflexão sobre a Internet como mudança para o jornalismo e termina com a abordagem ao jornalismo multimédia, no qual se discorre sobre as características desta nova realidade e os desafios que estas mudanças nas práticas jornalísticas têm para a profissão. A segunda parte deste capítulo do trabalho começa com uma contextualização sobre as inovações tecnológicas que transformaram o jornalismo nos últimos anos, analisando a influência da Internet e das redes sociais na prática jornalística e como isso pode alterar a atividade profissional em que se insere.

## **2. A sociedade e os meios de comunicação**

A sociedade em que vivemos está constantemente em profunda transformação. Na segunda metade do século XX, a chegada da Internet trouxe mudanças, principalmente, na comunicação e na interação entre as pessoas:

“A difusão da internet trouxe mudanças radicais nos hábitos das pessoas, diminuindo as distâncias, interligando culturas e criando um novo modelo de mundo: o virtual. As fronteiras geográficas caíram nesse mundo virtual unificando povos. Hoje, comunidades virtuais romperam com as relações interpessoais presenciais, inserindo um novo tipo de relação, onde um simples programa de tradução on-line quebra as estruturas da língua e permite duas ou mais pessoas interagirem como se estivessem presentes” (Silva e Alvarenga, 2009, p. 140).

Mas as alterações não ficaram apenas pelo campo comunicacional e interativo entre as pessoas. Com a tecnologia e os avanços da Internet no presente século, as mudanças foram consideráveis para os meios de comunicação tradicionais, levando-os a alterar as formas de produção dos conteúdos. No entanto, a Internet permitiu, em grande parte, pela capacidade de transmissão de mensagens de forma simples e rápida, que o jornalismo visse uma “possibilidade de inovação” (Lima e Filho, 2009, p. 3), como a rapidez no acesso à informação e uma nova forma de fazer jornalismo: o jornalismo multimídia.

Todavia esta globalização não trouxe aspetos apenas positivos para as pessoas, uma vez que favoreceu a aculturação, levando, assim, a uma nova adaptação e retirando traços característicos das suas culturas:

“[Os] grupos locais perderam a força de suas culturas frente ao poderio propagandológico de grandes empresas de comunicação, que deixaram de lado as fronteiras de seus países de origem, para se difundirem mundialmente, seja fisicamente, mas particularmente pela ascensão da internet” (Silva e Alvarenga, 2009, p. 143).

Em segundo lugar, a Internet ainda é uma ferramenta inacessível em muitas regiões do mundo e muito dificilmente será acessível, essencialmente, pelas questões económicas a ela inerentes:

“Nem todos têm a oportunidade de acessar a um site para escolher a notícia que querem ler, inclusive, são poucos os que optam por ler notícias, levando em consideração a dormência da nossa sociedade no que diz respeito ao hábito da leitura. Em algumas regiões da África, o número de pessoas que têm a possibilidade de acesso à internet é insignificante. Então, dessa forma, é mais difícil compreender o conceito de aldeia global como algo

unificador, visto que, na prática, ele pode ser bastante excludente” (Lima e Filho, 2009, p. 11).

Para as sociedades atuais, é natural o uso de aparelhos automatizados. Em relação à importância do meio utilizado na difusão de mensagens, entre a utilização da Internet e dos meios tradicionais, a docente da Universidade de Coimbra, Maria João Silveirinha, explica que a “comunicação muitos-a-muitos, ao contrário dos meios tradicionais de comunicação um-a-muitos, apresenta uma aparente grande capacidade de retroação. Por ela, o indivíduo pode, finalmente, transformar-se funcionalmente em comunicador/receptor” (Silveirinha, 2002, p. 12).

Com a nova realidade para os meios de comunicação e, em específico, para o jornalismo, pelo “término” das distâncias geográficas, “as informações jornalísticas renovam-se” (Lima e Filho, 2009, p. 7), graças à “nova dinâmica de reconstrução espacial da mensagem” (Lima e Filho, 2009, p. 7). Além disso, a rapidez em produzir conteúdos e a instantaneidade em colocar as notícias disponíveis *online* também mudaram a forma de fazer jornalismo:

“(…) com a extensa gama tecnológica existente, as notícias e informações chegam em larga escala por todo o mundo e, o que é mais importante, de forma rápida” (Lima e Filho, 2009, p. 9).

Trata-se, assim, de uma consequência da interação possível com o advento da Internet, pois “tal problema só foi possível pelo advento da rede, que propicia a publicação frenética de textos, a um baixo ou nenhum custo” (Lima e Filho, 2009, p. 9).

### **3. Internet: um fator de mudança?**

A tecnologia foi evoluindo com o passar dos anos e o jornalismo foi sendo moldado à medida que a tecnologia foi introduzindo novas formas e práticas de informar as pessoas.

John Pavlik (2000, p. 229) insiste que as mudanças da tecnologia afetam o jornalismo em quatro maneiras: na forma como os jornalistas fazem o seu trabalho; na natureza dos conteúdos informativos; na estrutura e organização das redações e da indústria de *media*; e na natureza das relações entre as organizações de *media*, os jornalistas e os seus públicos.

Também Nelia Bianco (2004a) concorda relativamente à influência das tecnologias da informação na organização jornalística e nas rotinas de trabalho:

“A informática, especialmente, trouxe agilidade e qualidade no processamento da informação, ao facilitar o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos” (Bianco, 2004a, p. 1).

Uma das características essenciais no jornalismo é a linguagem, uma vez que “é uma construção narrativa apoiada na linguagem, na palavra, uma construção narrativa de realidade, submetida a determinada técnica e sujeita a determinadas regras e gramática” (Lopes, 2010, p. 1). Em relação às novas formas de contar um determinado acontecimento na Internet, vários autores partilham da ideia de que, com a *web*, a linguagem a usar no jornalismo tem de ser alterada, como explica Ana Paula Velho (2009), que acredita que tem de se definir uma “nova linguagem, que vai interferir na produção de programas para o rádio multimídia; o papel e a utilidade dela para o aprimoramento da disseminação da informação” (Velho, 2009, pp. 5-6). Mas outros autores, como Nelía Bianco (2004a), não concordam com essa perspectiva e Bianco (2004a) sustenta-o dizendo:

“(…) por mais forte que seja, uma inovação tecnológica não leva consigo mecanicamente uma transformação profunda do conteúdo das atividades” (Bianco, 2004a, p. 1).

Nelía Bianco (2004a), no seu artigo, diz que, para o jornalismo, “a adoção dessas tecnologias da informação sinaliza mudanças que não ficam apenas no nível da troca de roupa, sendo bem mais profundas do que muitos costumam analisar, podendo até mesmo solapar valores fundadores dessa práxis social” (Bianco, 2004a, p. 2). Lévy é da opinião de que a tecnologia é “portadora de cultura e valores, a tecnologia não determina uma práxis social, até porque não é entidade que age sobre o homem de forma autónoma” (Lévy citado por Bianco, 2004a, p. 2) e, por isso, “condiciona e potencializa mudanças” (Lévy citado por Bianco, 2004a, p. 2).

Nas redações dos meios de comunicação tradicionais, o uso da Internet passa pelo acesso e contacto com as fontes, pelo uso das agências de notícias e consulta dos outros meios de comunicação no *online* e, por isso, “a rede tem sido um instrumento para coletar informação pronta de segunda ou terceira mão a qualquer momento” (Bianco, 2004a, p. 4). No entanto, isto pode não ser visto apenas como um benefício, mas como um aspeto negativo para o jornalismo, uma vez que, como refere Nelía Bianco (2004a), quando os jornalistas estão em busca de informação na Internet, esta “pode debilitar o processo da checagem, enfraquecendo do



jornalismo de verificação, a medida que permite fácil acesso às matérias e as declarações sem que faça o trabalho de investigação” (Bianco, 2004a, p. 4). À mesma conclusão chegaram os jornalistas americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (citado por Bianco, 2004a, p. 4):

“Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas agora passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar as suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente, novos factos. A partir do momento em que a matéria se forma na cabeça, é como se o comportamento do rebanho fosse verdadeiro. A matéria é determinada por uma mídia – o relato de um jornal ou emissora de televisão” (Kovach e Rosenstiel citado por Bianco, 2004a, p. 5).

Por isso, como refere Nelia Bianco (2004a), o fácil acesso à informação pode dar a impressão de que não é preciso sair do computador para obter a informação de que se precisa para construir a notícia. Além de isso, fomenta a homogeneização dos conteúdos, uma vez que se usa a mesma fonte, porque:

“Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso. Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências de notícias oriundas da mídia tradicional. A concentração da informação nas mãos de poucos persiste até mesmo num campo de informação e comunicação por natureza livre e plural” (Bianco, 2004a, p. 7).

Além da semelhança nos conteúdos, a Internet promove uma certa “liberdade de ação sobre a informação” (Bianco, 2004a, p. 7), porque se utiliza a informação como se esta não pertencesse a alguém. A tecnologia veio também aumentar o “jornalismo de secretária”, porque se “investe cada vez mais na melhoria dos instrumentos técnicos de apuração, consulta, checagem da informação via sistema de escuta-telefone, Internet e monitoramento de canais de televisão aberta e a cabo” (Bianco, 2004a, p. 6).

Apesar dos argumentos que mostram que a Internet veio mudar negativamente o jornalismo, há aspetos positivos que fazem do digital uma ferramenta com grandes benefícios, principalmente para a audiência, porque permite, através das reportagens multimédia, a sensação ao público de que está no local onde acontecem as notícias (Pavlik, 2000, p. 232). Além de isso, há também a oportunidade de utilizar os meios de comunicação *online* do resto do mundo.

O papel do jornalismo no digital é muito importante, como refere John Pavlik (2000), mas é ainda um caminho a percorrer. Para isso, de acordo com Pavlik (2000, p. 236), a credibilidade e imparcialidade dos *media* deve ser restabelecida, ou o público deve olhar cada vez mais as fontes primárias para as notícias.

## 4. Jornalismo multimédia

### 4.1. A evolução e adaptação dos *media*

Com os progressos da tecnologia e da Internet, os *media* tradicionais tiveram de se adaptar e o jornalismo tem estado cada vez mais dependente da tecnologia para a recolha, edição, produção e difusão da informação. A influência da *web* veio também provocar alterações na prática jornalística a dois níveis: na forma como o jornalista dos *media* tradicionais procede à pesquisa de conteúdos, à recolha de informações e ao contacto com as fontes; por outro lado, originou uma produção de notícias exclusiva e específica para as edições na *web*:

“A natureza híbrida da internet teve implicações nas áreas de produção e do consumo da informação jornalística, devido tanto ao aparecimento de novos formatos quanto à redefinição dos processos de recolha e edição de material informativo” (Noci e Arriaga citado por Bastos, 2010, p. 22).

Esta nova relação entre “os velhos e os novos *media*” (Canavilhas, 2010, p. 1), a adaptação às mudanças, faculta, de facto, um enriquecimento dos velhos meios, graças à existência dos novos. Na perspetiva de McLuhan, existe uma relação de continuidade entre os vários *media*, uma espécie de evolucionismo mediático, em que cada meio melhorou o anterior graças às novas valências tecnológicas e, nesta ideia de continuidade, não se trata apenas de acrescentar algo ao que já existia, mas sim de utilizar tudo o que existe, mas de formas diferentes que variam em função do ambiente (citado por Canavilhas, 2010, pp. 1-2).

Mas uma das dificuldades que se prendem para esta nova realidade é o modelo de negócio. Para já, foram testados três modelos de negócio – pagamento de acesso à informação, registo para acesso gratuito à edição do dia e acesso sem restrições –, mas não foram suficientes para viabilizar o negócio (Canavilhas, 2005b, p. 1401). Já o modelo misto é o mais promissor e mais viável porque obriga à existência de público, já que este modelo é caracterizado pelo acesso gratuito à maior parte dos conteúdos, pela publicidade direcionada por causa do registo e pela venda dos conteúdos (Canavilhas, 2005b, p. 1401).

## 4.2. Características da nova realidade

Os autores apelidam esta nova realidade de diversas formas, como ciberjornalismo, jornalismo digital, jornalismo *online* ou webjornalismo (Bastos, 2010). Já outros autores (como Cabrera Gonzalez e John Pavlik), que João Canavilhas utiliza para clarificar algumas ideias nos seus artigos, caracterizam por fases e modelos o jornalismo na *web*. Segundo Cabrera Gonzalez (citado por Canavilhas, 2006a, p.1), há quatro fases: a primeira “fac-simile”, que corresponde à reprodução simples de páginas da versão impressa de um jornal; a segunda intitula-se por “modelo adaptado”, na qual os conteúdos são os mesmos das versões escritas dos jornais, mas a informação é apresentada num *layout* próprio e começam a ser integrados *links* nos textos; a terceira fase, chamada de “modelo digital”, possui um *layout* pensado e criado para o meio *online*, recorre ao hipertexto e a possibilidade de comentar são presença obrigatória e as notícias de última hora passam a ser um fator de diferenciação em relação às versões em papel; o último modelo, o modelo multimédia, é caracterizado pelo aproveitamento máximo das características do meio, nomeadamente a interatividade e a possibilidade de integrar de som, vídeo e animações nas notícias. As ideias de Pavlik são muito semelhantes às de Gonzalez, no entanto, para John Pavlik (citado por Canavilhas, 2005b, p. 1394), a evolução do jornalismo na *web* tem três fases: na primeira, os conteúdos *online* são os mesmos que foram publicados no formato tradicional; na segunda, os conteúdos são produzidos exclusivamente para o *online*, tendo hiperligações para outros conteúdos (como fotos, vídeos ou sons); e, na última fase, os conteúdos são desenvolvidos apenas para a *web*, tirando partido das características do meio.

O jornalismo multimédia é caracterizado pela convergência/multimedialidade (vídeo, áudio, audiovisual, animações, texto), pela interatividade (e não um simples interação, porque implica participantes, pressupõe uma não linearidade, predisposição para a comunicação e organização do fluxo informacional), instantaneidade (informação em tempo real) e hipertextualidade (leitura ativa e de forma autónoma) (Bastos, 2010). Para Kawamoto (citado por Bastos, 2010, p. 24), as características típicas do jornalismo digital (como ele designa) são, além da hipertextualidade, multimédia, convergência como indicadas acima, assinaladas pelo autor duas características: a não linearidade (resultante da interatividade) e a personalização. Puccinin concorda e acrescenta algumas ideias bastante válidas como a participação da audiência, a ausência do *deadline* e das noções de tempo e de espaço dos *media* tradicionais (Puccinin citado por Amaral, 2005, p. 136):

“O ambiente *online* caracteriza-se pela instantaneidade e o final do ‘deadline’ convencional; a interatividade e a participação ativa do utilizador; e a hipertextualidade, abolindo as convencionais noções de tempo e de espaço dos *media* tradicionais, introduz o conceito de leitura não linear – produção ativa de significados” (Puccinin citado por Amaral, 2005, p. 136).

Dadas as características do novo meio, os jornalistas dos *media* tradicionais tiveram de se adaptar e houve até quem contratasse novos jornalistas para o trabalho multimédia. Assim, estes são profissionais que têm de, face às características da *web*, saber fazer um pouco de tudo: desde a recolha de notícias e investigação, seleção, escrita ou processamento do conteúdo até à edição:

“É exigido a uma equipa *on-line* que possua diferentes tipos de aptidões quando comparadas com a equipa tradicional. Devem ser jogadores de equipa, capazes de colaborar com pessoal técnico e publicitário, treinados na recolha de informação, HTML e, nalguns casos, terem aptidões multimédia” (Stovall citado por Bastos, 2010, p. 65).

Porque é um meio em que as notícias podem ser contadas de várias formas, até porque é o conteúdo que determina a forma: “o princípio que emerge deste entendimento é que a forma não deve determinar o conteúdo, mas o contrário” (Meyer citado por Bastos, 2010, p. 24). É esta possibilidade de adequar a modalidade de apresentação das notícias a cada assunto, sem os constrangimentos dos *media* tradicionais, que permite tirar proveito de tudo aquilo que a *web* nos oferece para a produção de notícias, como o texto, o áudio, o vídeo, os gráficos e as animações (Bastos, 2010, p. 33). Assim, o jornalista pode utilizar a forma de comunicação da informação que ele considerar que mais se adapta a cada história. No entanto, poucos são os que tiram partido destas características da *web*, como considera Stovall (citado por Bastos, 2010):

“Nenhum *website* noticioso está ainda perto de utilizar todo o potencial da *web*. A capacidade, instantaneidade, flexibilidade, permanência e interatividade da *web* ainda não foram completamente exploradas por qualquer empresa jornalística” (Stovall citado por Bastos, 2010, p. 34).

Acrescenta ainda Pavlik que o recurso ao hipermédia torna “as estórias num contexto histórico, político e cultural muito mais rico” (Pavlik citado por Bastos, 2010, p. 34). João

Canavilhas (2005a) refere ainda que, em Portugal, o jornalismo da *web* encontra-se ainda na segunda fase caracterizada por Pavlik e a marca mais visível de uma terceira fase de desenvolvimento é a oferta de infografias multimédia.

Em Portugal, os jornais portugueses fazem uso do *online* como suporte há mais de uma década. *Jornal de Notícias* (a 26 de julho de 1995), *Público* (a 22 de setembro de 1995) e *Diário de Notícias* (a 29 de dezembro de 1995) (Granado, 2002) foram os primeiros a fazer uso desta nova ferramenta como suporte. Mas, ainda hoje em dia, os meios de comunicação das versões tradicionais utilizam a Internet como suporte, por exemplo: nela colocam os seus conteúdos de versão papel ou que acabaram de ser transmitidos nos noticiários (seja televisão seja rádio); utilizam a Internet para dar os assuntos de “última hora” sempre em texto; por vezes, usam o hipertexto para as notícias antigas, para que o leitor, caso não tenha visto, possa ir direto à notícia em questão e perceba aquilo que se passou; e não fazem conteúdos multimédia em exclusivo para a *web*. Atualmente há vários órgãos que usam a Internet como meio principal de transmissão dos seus conteúdos: caso do *Observador* (primeira edição a 19 de maio de 2014).

### **4.3. Desafios para a profissão**

O grande desafio do ciberjornalismo é exatamente que os jornalistas tenham “conhecimentos teóricos e práticos diretamente ligados (...) [às] características fundamentais do jornalismo na *web*” (Canavilhas, 2006a, p. 4). Ainda relacionado com conhecimentos práticos, é necessário que, ao usar infografias, vídeos e sons, o jornalista tenha conhecimentos “nos campos do tratamento de imagem, animação vetorial, edição de vídeo e som e HTML” (Canavilhas, 2006a, p. 4), para isso, a parte da formação técnica pode ser semelhante à do “jornalismo radiofónico ou televisivo, pois as ferramentas para edição de vídeo e som acabam por ser as mesmas” (Canavilhas, 2006a, p. 5). Além disso, a formação deve incluir “um módulo de edição de HTML e outro de animação vetorial” (Canavilhas, 2006a, p. 5).

Há ainda autores, como João Canavilhas (2006a), que consideram que a redação de notícia neste contexto cibernético com recurso à pirâmide invertida já não faz sentido e requer um novo sistema de construção de notícias (Canavilhas, 2006a). Para isso, “a tradicional técnica da ‘pirâmide invertida’ dá lugar a uma arquitetura noticiosa mais aberta, com blocos de informação organizados em diferentes modelos” (Canavilhas, 2006a, p. 5). Segundo Canavilhas (2006a), a pirâmide invertida deixa de fazer sentido e dá-se lugar à chamada pirâmide deitada:

“A notícia evolui desde um primeiro nível com menos informação até um quarto nível com mais informação sobre particularidades da notícia” (Canavilhas, 2008, p. 159).

Além da estrutura da “pirâmide deitada” de João Canavilhas, Paul Bradshaw propõe uma sugestão para esta nova realidade de escrita para a rede. A principal característica deste modelo em “diamante” é que “não se trata de um bloco ou conjunto de blocos informativos estáticos, mas de um fluxo em que a unidade informativa vai mudando de género” (Canavilhas, 2014, pp. 14-15). Neste modelo, a unidade informativa passa a ser uma sequência de textos ou de outros elementos e a informação presente vai-se tornando cada vez mais complexa, partindo da sua forma mais simples (alerta) até ao nível de contexto máximo, a personalização:

“A informação tem uma primeira versão muito curta (alerta) com distribuição para dispositivos móveis, email e redes sociais: o que se perde em pormenores ganha-se em velocidade de distribuição, que ocorre de imediato. A segunda versão (*draft*), tem mais desenvolvimentos, e distribuição para o blogue da publicação. Pretende-se mostrar que o assunto está em desenvolvimento. Na fase seguinte (*article*) o bloco informativo chega ao site da publicação com a informação fundamental sobre o tema. A partir deste momento, a notícia vai recebendo atualizações, com informação de contexto e opinião de especialistas, incorporando-se ainda diferentes níveis de interatividade e de personalização da notícia” (Canavilhas, 2014, p. 15).

Segundo João Canavilhas (2006a), as outras duas características, que estão ligadas ao jornalismo na *web*, a personalização e a memória, “serão o resultado da integração do sistema de edição numa base de dados” (Canavilhas, 2006a, p. 5). Essa personalização consegue-se “através do registo do utilizador numa determinada publicação ou através da instalação de *cookies* no seu *browser*” (Canavilhas, 2006a, p. 5). Quanto à memória, esta é mais do que um arquivo, de acordo com Canavilhas (2006a), e o espaço que uma notícia ocupa não é um bem escasso e, aliás, o autor acrescenta que é “a possibilidade de ligar uma nova notícia aos seus antecedentes permite o enriquecimento do jornalismo graças à contextualização dos fenómenos” (Canavilhas, 2006a, p. 5).

## 5. As inovações tecnológicas no jornalismo

O jornalismo esteve sempre em constante adaptação e mudança e as inovações tecnológicas ao longo dos anos tiveram um grande papel nas alterações para o jornalismo tal como o conhecemos hoje:

“Um dos principais fatores desencadeador de transformações, que temos observado, no fazer jornalístico, tem sido a presença das tecnologias da comunicação e informação” (Silva, 2013, pp. 1-2).

Mas as inovações tecnológicas não se limitam à introdução de novas ferramentas na prática para a construção de notícias. Como refere Rafael Silva (2013), as influências dessas inovações estendem-se à estrutura de produção, organização e direção. Todo o processo jornalístico está dependente da tecnologia para que exista nos dias de hoje, desde a utilização do telefone, passando pelo uso dos computadores e terminando na aplicação da Internet nas práticas jornalísticas. Durante o estágio, a nossa primeira fonte de receção de notícias, além dos jornais e telejornais dos canais informativos portugueses, era usado o programa no qual recebíamos os *telex* das agências de notícias e também os *sites* dos meios tradicionais. Também o uso da Internet para pesquisa de fontes, contactos e informações adicionais sobre a notícia ou assunto era fundamental para o trabalho jornalístico.

Com o surgimento do telégrafo, no século XIX, e as transmissões experimentais do telefone, no final do mesmo século, foram introduzidas mudanças profundas nos modos de transmitir e de receber as informações (Silva, 2013, p. 3).

O aparecimento do telégrafo, em 1840, levou à criação da técnica tão conhecida e usada no jornalismo ainda nos dias de hoje: a pirâmide invertida, isto porque ao terem de dar as informações por telégrafo, cada um dava um parágrafo de cada vez e, por isso, eram obrigados a ordenar as informações por grau de importância. Foi, então, na Guerra de Secessão norte-americana (1861-1865) que se passou a utilizar essa ordem de informação. Segundo Fontcuberta (2010), “para ganhar tempo, ao transmitirem as notícias não davam a sua opinião nem entravam em excessivos pormenores; procuravam informar sobre os acontecimentos mais importantes”. Nesta lógica, o essencial da informação, o mais importante, é colocado no início – o *lead*<sup>4</sup> – e os pormenores vêm depois, ao longo do corpo da notícia<sup>5</sup>, ou seja, coloca-se a

---

<sup>4</sup> *Lead* é o núcleo fundamental da notícia. (Fontcuberta, 2010, p. 61).

<sup>5</sup> Corpo da notícia é onde explica a notícia (Fontcuberta, 2010, p. 61).

informação da mais importante para a menos importante. O telégrafo permitiu, assim, “acelerar a velocidade das notícias e tornar possível a sua transmissão contínua, fragmentou o relato de eventos noticiosos em desenvolvimento em segmentos menores e mais frequentes” (Franciscato citado por Silva, 2013, p. 4).

Com o telefone, surgiu, como refere Rafael Silva (2013), uma nova onda de aceleração da comunicação e começou, aos poucos, a ser incorporado na rotina de produção e apuração de notícias, que levou a mudanças progressivas nos hábitos e na aceleração da produção e da veiculação de notícias.

A partir da revolução da informática, nos anos 60, deram-se mudanças na rapidez de pesquisa e no volume do fluxo crescente de informação (Silva, 2013, p. 7). Uma das alterações mais significativas deu-se no ambiente da redação, no qual os jornalistas passaram a escrever os seus artigos, a editá-los, a inserir os títulos e a calcular a sua extensão e a passá-los para a secção tipográfica (Silva, 2013, p. 8).

Entretanto com a introdução da Internet nas redações, as mudanças foram cada vez mais e nem com o passar dos anos se esmoreceu, muito pelo contrário. Passou a ser possível, graças ao uso dos computadores em rede, realizar entrevistas por e-mail, fazer pesquisas e entrar em contacto direto com as fontes pelas redes sociais (Silva, 2013, p. 8).

A evolução rápida da tecnologia traz mudanças para as práticas jornalísticas mas também obriga a uma adaptação dos profissionais e, conseqüente, exigências dos empregadores.

## **6. A Internet nas práticas jornalísticas**

A Internet foi a grande inovação tecnológica nos últimos anos e veio alterar a forma de comunicar, fazer e receber informação noticiosa. Nos tempos que correm, a *web* é usada pela maioria dos cidadãos do mundo e veio transformar várias áreas profissionais e o jornalismo não foi exceção:

“As modificações na atividade jornalística se fazem sentir não só no âmbito da rotina de produção como na apresentação final da notícia. E essa transformação também teve repercussão no formato utilizado pelos outros meios já instituídos, obrigando-os a uma adaptação” (Amadori e Marques, 2009, p. 1).



Mas estas novas ferramentas que o digital veio permitir trazem, segundo Nelia Bianco, “implicações de ordem técnica, ética, jurídica e profissional para o jornalismo” (Bianco, 2004a, p. 1).

O surgimento do correio eletrónico começou por alterar as formas de contactar com as pessoas, nomeadamente com as fontes, com as quais muitas não seria possível por outros meios; com o passar dos anos, os motores de busca foram-se expandido e abrangendo um número cada vez maior de informação. A Internet começou, assim, a ser pensada como aliada dos *media* tradicionais ao nível a recolha de informação e, pela possibilidade de chegar mais rápido e com maior facilidade às pessoas, começou a considerar-se que a *web* era um bom suporte para a disseminação de informação e os meios de comunicação passaram a tirar partido deste suporte (Bastos, 2010): em Portugal, os primeiros meios tradicionais a aderirem à Internet como suporte para as suas edições foram: *Jornal de Notícias*, *Público* e *Diário de Notícias* (Granado, 2002).

Começou-se a perceber as potencialidades do meio também para a disseminação de informação jornalística e, por isso, passou-se a fazer também edição e produção de conteúdo para a *web* (Bastos, 2010). Surgiu então o jornalismo multimédia que, como já referido, é caracterizado pela convergência, multimedialidade, interatividade, instantaneidade e hipertextualidade. Estas características do jornalismo multimédia e as ferramentas que a Internet veio fornecer aos jornalistas, como os motores de busca, a grande quantidade de informação não filtrada e as redes sociais, trouxeram novas formas de fazer jornalismo, mas também várias implicações: na forma como se procedia à pesquisa de conteúdos, à recolha de informações e ao contacto com as fontes e na produção de notícias rápida, contínua e exclusiva para a *web*.

Num inquérito realizado em 2005 (Canavilhas, 2005a, pp. 5-6), podemos perceber qual o uso que os jornalistas davam há cerca de dez anos à Internet. Da amostra para esta análise, todos os jornalistas inquiridos responderam que a usam, principalmente, para a procura de informação. Também a leitura e envio de correio eletrónico, a atualização de dados, o contacto com as fontes, a formação e o contacto com especialistas fazem parte da rotina do jornalista na utilização desta tecnologia. No que se refere aos sites utilizados, o inquérito dá conta que os mais usados são: a *Lusa*, o *Público*, a *TSF*, a *BBC*, o *El Mundo* e a *CNN*.

A pesquisa e a recolha da informação através da *web* trazem grandes vantagens para a produção das notícias, porque:

“Permite aos jornalistas se inteirarem rapidamente sobre o que já foi escrito sobre determinado assunto; torna os contatos com as fontes interativos; possibilita a ampliação e

seleção de fontes de informação; agiliza a busca de dados, pesquisa e consulta a arquivos públicos, bibliotecas, órgãos públicos; facilita a coleta de maior quantidade de informação num menor espaço de tempo; além de aumentar o potencial de reportagem à distância e do trabalho fora das redações em locais remotos” (Bianco, 2004b, p. 160).

A Internet é usada para a recolha, seleção, redação e edição da informação e, posterior, difusão da notícia (Bianco, 2004b). Assim, ela é usada para “escolher entre centenas de acontecimentos aqueles que merecem o *status* de notícia” (Bianco, 2004b, p. 160) e também no “acesso e contacto com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online” (Bianco, 2004b, p. 160).

Neste ambiente de sobre-informação, há a possibilidade para o jornalista de obter rapidamente a informação que precisa para completar, contextualizar e aprofundar as suas matérias (Bianco, 2004b, p. 161) e o jornalista deixa de esperar pela informação e passa a procurar e a seleccionar as notícias (Bianco, 2004b, p. 160), tornando-se uma vantagem, por um lado, porque:

“Nas fases de pesquisa e contactos com as fontes, duas etapas que absorviam muito do tempo de produção de uma notícia, os jornalistas passaram a contar com preciosos auxiliares, como a *World Wide Web*, o correio electrónico ou os *newsgroups*, entre outras funcionalidades da Internet” (Canavilhas, 2004, p. 2).

Mas, por outro, traz problemas a dois níveis para os jornalistas, pois, por um lado, tentam usar informação que possa ser à partida verdade e restringem a pesquisa às agências de notícias e aos meios de comunicação “credíveis”, por outro, essa restrição conduz, muitas vezes, a conteúdos semelhantes entre os meios de comunicação:

“Esse procedimento traz implícito também a padronização do conteúdo porque é comum o uso frequente das mesmas fontes. Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso. Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências” (Bianco, 2004b, p. 161).

Segundo Bastos (2000), grande parte da informação que existe na Internet precisa ser muito bem verificada, pela informação falsa ou pouco rigorosa – porque, como referem Amadori e Marques (2009, p.2), a “confirmação dos fatos acabam ficando em segundo plano

diante da urgência em repassar a informação” –, por isso a edição e a filtragem da informação são essenciais.

Assim, é condição fundamental que a confirmação seja também feita com fontes credíveis a fim de evitar erros e transmissões para o público-alvo de falta de credibilidade, por isso, normalmente “as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, económica, social ou cultural” (Traquina citado por Junior, 2013, p. 5) e Wolf (2006) acrescenta que os jornalistas preferem fazer referência a fontes oficiais ou com posições institucionais de autoridade, uma vez que transmitem e têm, pelo cargo que ocupam, maior credibilidade. São, por isso, as fontes oficiais, consideradas, pelas suas ações e opiniões, mais persuasivas em detrimento das outras fontes não oficiais.

A Internet serve, hoje em dia, segundo Nelia Bianco (2004b), para avaliar os acontecimentos quanto aos seguintes valores-notícia: atualidade, novidade, interesse e importância. Nas palavras da autora, o valor da atualidade passou a ser o tempo real num ambiente onde não há diferenciação do real e, por isso, há um aumento do índice de atualidade na redação (Bianco, 2004b). Quanto aos valores de interesse e importância, estes passam a ter como “referência os acontecimentos pautados pela Internet no último instante” (Bianco, 2004b, p. 161). Assim, recorrer à Internet em busca de notícias de agências de notícia e dos meios de comunicação *online* estimula os jornalistas a assumir “os valores-notícia das fontes pesquisadas” (Bianco, 2004b, p. 161).

A ausência de *deadline*, determinada nos meios de comunicações pelas características da Internet, já que há uma maior rapidez e instantaneidade e uma maior tentativa e interesse em querer “ser o primeiro”, é uma cultura fomentada ao longo dos anos e que diminuiu a qualidade da informação e do próprio jornalista; por exemplo, na televisão, mas também na rádio e no *online*, o jornalista deixou de ser um mediador entre o acontecimento e o público, acabando por ser alguém que apenas relata o que aconteceu de forma superficial. Esta tentativa de “ser o primeiro”, por causa da concorrência, favoreceu ainda o reforço do “jornalismo sentado”, produzindo-se notícias com base em agências noticiosas e naquilo que as televisões e *media* na Internet colocam nas suas páginas no *online*. Promoveu, ainda, o esquecimento da prática do contraditório, de ouvir “os dois lados” da história, um dos princípios basilares na prática jornalística.

Face às características da *web*, estes novos profissionais têm de saber fazer um pouco de tudo, desde a recolha de notícias e investigação, seleção, escrita ou processamento do conteúdo até à edição, porque é um meio em que as notícias podem ser contadas de várias formas, até porque é o conteúdo que determina a forma:

“O princípio que emerge deste entendimento é que a forma não deve determinar o conteúdo, mas o contrário” (Meyer citado por Bastos, 2010, p. 24).

É esta possibilidade de adequar a modalidade de apresentação das notícias a cada assunto, sem os constrangimentos dos *media* tradicionais, que permite tirar proveito de tudo aquilo que a *web* nos oferece para a produção de notícias, como o texto, o áudio, o vídeo, os gráficos e as animações (Bastos, 2010, p. 33). Assim, o jornalista pode utilizar a forma de comunicação da informação que ele considerar que mais se adapta a cada história. Mas são ainda poucos os que tiram partido destas características da *web*, como considera Stovall:

“Nenhum *website* noticioso está ainda perto de utilizar todo o potencial da *web*” (Stovall citado por Bastos, 2010, p. 34).

A utilização do multimédia é, no fundo, um benefício, essencialmente para a audiência, uma vez que pode ajudar a que as histórias sejam mais bem entendidas, o que poderia não acontecer com o uso apenas de texto ou só de imagens. É nessa perspetiva que Kolody afirma que os jornalistas:

“Precisam de pensar a estória como camadas de informação – visual, auditiva, textual, animada, interativa, conectada – que as pessoas podem misturar e encaixar da melhor forma para chegarem ao que precisam e querem saber” (Kolody citado por Bastos, 2010, p. 65).

Também a hipertextualidade é uma vantagem para a audiência, uma vez que ajuda o leitor, quando está a ler uma determinada notícia, sendo-lhe indicada qual ou quais outras notícias se relacionam com a que acabou de ler para que possa perceber melhor o tema ou notícias relacionadas com o assunto. Também a interatividade e a participação ativa do público são uma mais-valia para o jornalismo e para o papel do jornalista, uma vez que os torna mais próximos de quem os segue, dando *feedback* sobre aquilo que leu/viu/ouviu, que opiniões têm e aquilo que achou do papel do jornalista em determinado contexto.

No entanto, a questão da rapidez, da atualização contínua e permanente apresenta dois problemas para os profissionais: por um lado, o jornalista precisa de escrever ou produzir conteúdo multimédia mais rápido e melhor, porque, com a instantaneidade e o acesso à *web* por parte de outros meios de comunicação, o jornalista precisa de ser o mais rápido para que, face a isto, possa ter, obviamente, mais leitores; por outro lado, esta instantaneidade e atualização

constante leva a que o jornalista tenha menos tempo para confirmar as informações e fazer análises mais aprofundadas antes de publicar as notícias. Um jornalista convergente e multimídia “é sinónimo de mais trabalho e menos qualidade informativa” (Bastos, 2010, p. 101), prejudicando a qualidade da informação que os órgãos de comunicação apresentam e diminuindo, conseqüentemente, a qualidade de informação que a audiência vai ter:

“Os jornalistas trabalham mais, dispõem de menos tempo para realizar as suas investigações e para escrevê-las, ao mesmo tempo que produzem informações mais superficiais” (Bastos, 2010, p. 101).

É, por isso, segundo Gradim, “a própria noção de jornalismo de excelência (*top quality journalism*) que fica ameaçada com a emergência do profissional tudo-em-um, que produzirá, na maioria dos casos, jornalismo medíocre” (Gradim citada por Bastos, 2010, p. 102). Uma vez que, havendo menos jornalistas e exigência de rapidez, publicando durante todo o dia, “os jornalistas tenderão a produzir notícias menos rigorosas e mais especulativas” (Bastos, 2010, p. 103).

Além disso, com a luta pelas audiências e pela conquista de publicidade, principalmente na televisão, usam conteúdo e linguagem que prenda o espectador, dando mau uso e de forma deficitária a atualidade e a má gestão dos critérios de noticiabilidade pela busca de audiências; assim, cresce apenas o jornalismo que vende em detrimento do bom jornalismo com recurso a investigações e ao jornalismo investigativo e grandes reportagens. Estas questões financeiras acabam por influenciar muitas outras questões: por exemplo, a concentração da propriedade. Com esta concentração, a informação já não é mais vista como um bem para a sociedade e o princípio máximo do jornalismo de informar as pessoas deixa de ser o princípio basilar de toda a produção jornalística. Assim, a informação é vista apenas como geradora de lucro, na qual se investe ou desinveste face ao mercado, conduzindo a um enfraquecimento da qualidade; a par com o lucro está a tentativa de “ser o primeiro” e de fazer jornalismo que vende para ter mais audiências e, por isso, mais lucro para o grupo de *media*. É, por isso, muito difícil que o jornalismo se desligue do poder económico, uma vez que precisa deste para sobreviver, através da concentração de propriedade, uso da publicidade geradora de dinheiro e da distribuição dos conteúdos, para que o jornalismo possa continuar a ser feito. Além disso, a concentração da propriedade e a contenção de custos afetam mais duas questões: o crescimento de sinergias e a diminuição do pluralismo das informações, ou seja, cada vez há mais notícias assinadas pela agência *Lusa* (uma vez que é quase sempre a primeira informação a que os órgãos de

comunicação social têm acesso), se nós quiséssemos saber mais sobre um determinado assunto e quiséssemos procurar noutra *medium* não nos valeria de muito, principalmente se pertencerem ao mesmo grupo de *media*. Numa tentativa de contenção de gastos surgem as sinergias, como coordenação de esforços para produzir mais e para ter as seguintes vantagens: aumento de receitas, diminuição de custos, de impostos e de custos de capital.

As questões financeiras acabam por afetar também as publicações *online*, como já referido no capítulo anterior. Para Canavilhas (2006a), coloca-se o problema da emissão, por não haver um modelo de negócio que viabilize as publicações *online*:

“Até agora foram testados três modelos: o pagamento do acesso à informação; o acesso gratuito às últimas edições mas com necessidade de registo (financiamento através de publicidade dirigida); e o acesso sem restrições, onde o financiamento depende da publicidade e da venda de conteúdos” (Canavilhas, 2006a, p. 4).

Em Portugal, o método mais usado é exatamente o do acesso sem restrições, ainda que já haja alguns meios de comunicação a pedir o pagamento para acesso à informação (como o *Público* e o *Correio da Manhã*). Claro que a dificuldade em encontrar financiamento levou a que as empresas reduzissem o investimento em recursos humanos e, conseqüentemente, a subvalorização do potencial do meio (Canavilhas, 2006a, p. 4).

Segundo Hall (citado por Bastos, 2010), a objetividade que caracteriza o jornalismo tradicional está a ser largamente abandonada pelo ciberjornalismo. É ainda, para este autor, o valor que mais foi posto em questão, por causa de a Internet forçar a que as práticas jornalísticas sejam revistas (Hall citado por Bastos, 2010, p. 109). Para Joaquim Vieira, o jornalista, mesmo no novo meio, deve respeitar os valores da objetividade e imparcialidade, porque “o jornalista íntegro é aquele que atua seguindo (e segundo) a sua consciência e que assume um compromisso apenas com o público. Trabalha num ambiente de independência, imparcialidade e equilíbrio, com o máximo de objetividade, e é imune às pressões, insubmisso” (Vieira citado por Martins, 2013, p. 10). Noci e Aliaga (citados por Bastos, 2010) acreditam que a objetividade continua e consideram que “o grau de interpretação fica muito mais nas mãos dos leitores e menos constrangido por decisões prévias do autor (...) E assim, por ser mais plural, o hipertexto pode ser considerado mais suscetível de permitir um maior grau de objetividade do leitor” (Noci e Aliaga citados por Bastos, 2010, p. 110). De facto, o valor da objetividade poderá estar em causa, uma vez que o jornalista tem menos tempo para organizar o conteúdo jornalístico e, por

isso, menos tempo para verificar a veracidade ou não dos factos, por isso, efetivamente, a Internet põe em causa o seu rigor e equidade jornalísticos.

Helder Bastos (2010) considera que os ciberjornalistas enfrentam os mesmos constrangimentos legais e éticos que aqueles que trabalham na imprensa ou no audiovisual. No entanto, considera que a Internet apresenta dilemas que nunca existiram no mundo impresso. Já Cabrera considera que “a ética dos cibermeios [se] aprende exercendo a profissão neles, daí que assinalemos algumas questões surgidas no trabalho diário dos meios presentes na internet, como, por exemplo, a repercussão da criação de conteúdos pelas audiências, os desafios que coloca a necessidade de atualização contínua da informação na rede, ou os abusos que gera a indefinição legal à volta da internet” (Cabrera citado por Bastos, 2010, p. 111). Há duas questões éticas nas quais o ciberjornalismo tem implicações: “na confidencialidade com as fontes de informação, com o respeito pelos direitos de autor e a atribuição feita de modo correto, e com as regras” (Bastos, 2010, p. 111).

## 7. A influência das redes sociais

Já vimos que a Internet alterou largamente o jornalismo e, conseqüentemente, as práticas jornalísticas: novas formas de dar e receber informação, novas formas de contactar e mais exigência para o jornalista e sobre o jornalista. A Internet veio ainda potenciar “uma maior intimidade com as audiências e as fontes, atraindo para o universo da informação um novo público até então distante” (Mateus, 2015, p. 12). No início do século XXI, a Internet contava com praticamente 500 milhões de utilizadores (Mateus, 2015). Entretanto, o número de utilizadores que acedem à Internet cresceu exponencialmente: só em 2014 a rede social *Facebook* ultrapassou 1,23 biliões de utilizadores na plataforma (Mateus, 2015, p. 13). Em janeiro do mesmo ano, eram 4,9 milhões de utilizadores só em Portugal (Mateus, 2015, p. 19).

Com as alterações da Internet e das redes sociais, a audiência torna-se “simultaneamente consumidor e produtor de informação” (Mateus, 2015, p. 14). Assim, também a função do jornalismo em filtrar a informação também se alterou. O jornalista deixa de ser um *gatekeeping*<sup>6</sup> – uma vez que é responsável por escolher e disseminar o que é notícia – para se complementar

---

<sup>6</sup> *Gatekeeping* foi um conceito utilizado por David White para explicar o funcionamento das redações (Mateus, 2015, p. 14).

com o *gatewatching*<sup>7</sup> – a participação que é feita por parte dos internautas na escrita das notícias. Para Bruns, o *gatewatching*:

“Está sustentado na observação daquilo que é publicado pelos veículos noticiosos, de modo a identificar, de forma imediata, informações relevantes *online*” (Bruns citado por Mateus, 2015, p. 14).

Há, assim, uma exigência acrescida feita pelos consumidores da informação sobre as notícias, o que de certa forma é benéfico para o trabalho dos jornalistas, uma vez que considerarão, durante o seu trabalho, a exigência deles mesmos e do público que vai consumir os conteúdos, podendo inclusive mostrar a sua opinião nas redes sociais, a qual pode, de facto, ser lida pelo jornalista em questão.

As redes sociais apenas existem da forma como nós as conhecemos pelas:

“As ações que resultam da interação entre as pessoas, gerada no contexto das redes sociais digitais que vão originar a criação e partilha de conteúdos, difusão de informações e mobilização social, em torno de temáticas ou causas. Um fenómeno que ocorre sobretudo devido à permanente disponibilidade das redes sociais *online* que se assumem canais de comunicação e contacto, permanentemente abertos” (Mateus, 2015, p. 16).

Um estudo realizado em 2012 (Mateus, 2015) mostrava que os portugueses eram os cidadãos europeus que mais utilizavam a Internet para publicar mensagens nas redes sociais. Segundo Cátia Mateus (2015), em 2011, a percentagem era de 75% em relação à publicação de mensagens pelos portugueses nas redes sociais e era, por isso, a percentagem mais elevada nos Estados-membro analisados:

“Os números não só mostram o nível de adesão dos portugueses às redes sociais, como apontam para índices elevados de consumo de informação *online*: no mesmo período, mais de metade (67%) leram jornais na Internet, superando a média europeia de 61%” (Mateus, 2015, p. 19).

---

<sup>7</sup> *Gatewatching* é um conceito introduzido por Bruns (Mateus, 2015, p. 14) que surgiu com a revolução trazida pela Internet.



Também a evolução e proliferação das redes sociais mudou a forma de os jornalistas se relacionarem com as práticas e com a Internet em si:

“A proliferação das redes sociais gerou alterações de fundo no relacionamento dos jornalistas com as suas fontes, mas também na distribuição da informação, na velocidade a que é feita essa distribuição e no alcance que tem, conduzindo a um cenário de excesso de informação onde o jornalista já não é o único ator na missão de informar, e onde o público desenvolveu novos padrões e hábitos de consumo” (Mateus, 2015, p. 20).

É esta nova realidade, graças, essencialmente, à captura de imagens e vídeos que podem ser colocados imediatamente *online* que veio “potenciar a participação do público nos *media online* e a sua contribuição com os conteúdos (Mateus, 2015, p. 20). Cada vez é mais fácil recorrer às redes sociais e estar ligado a elas praticamente o dia inteiro. Isso transparece para o jornalismo, mudando a forma como os jornalistas se relacionam com o meio. Segundo Recuero, há “três tipos de relação entre as redes sociais e o jornalismo: as redes como fontes produtoras de informação; as redes sociais como filtros de informação ou as redes sociais como espaços de reverberação dessas informações” (Recuero citada por Mateus, 2015, p. 25). Mas, de acordo com a autora, funciona como um complemento à função jornalística porque não é possível comparar com a relação que os jornalistas têm para com a credibilidade da informação.

As redes sociais dominam em grande parte o uso da Internet, por isso é natural que, face a este contexto, pelo uso de dispositivos móveis principalmente, cada utilizador seja “um redistribuidor de informação, mas é também um crítico do produto que consome” (Mateus, 2015, p. 25). Numa altura de excesso de informação na rede, os desafios que se colocam aos jornalistas são cada vez maiores quer pela “alteração às suas rotinas de trabalho, quer pelo grau de exposição e proximidade que têm junto de um público que pode a cada momento questionar, debater ou apontar falhas ao seu trabalho, quer ainda pela concorrência com um novo ator de informação: o cidadão-repórter” (Mateus, 2015, p. 25).

Também os jornalistas marcam presença nas redes sociais, permitindo uma maior proximidade e intimidade com o público e com as fontes, no entanto as redes sociais trouxeram também novas questões e exigência ao trabalho jornalístico. Todavia e apesar do novo papel da audiência como *gatewatcher*, vários autores concordam que “os jornalistas continuarão a deter uma importante função como garante do rigor entre a abundância de informação. Filtrar a informação na Internet e nas redes sociais, certificando conteúdos credíveis e úteis, poderá ser a nova função do jornalista” (Mateus, 2015, p. 29). Essa função torna-se imprescindível com as

alterações e o aumento de informação que circula na rede, por isso “se não houver quem separe o trigo do joio, se não houver quem exerça as funções de depuração e filtragem, acentuar-se-á a tendência para cada vez mais alinhar por baixo, o que é nocivo para um sistema democrático enfraquecido” (Balsemão citado por Mateus, 2015, p. 30).

O uso das redes sociais provocou um fim dos limites entre a esfera pública e a privada e esse uso passa pela visibilidade das opiniões, das ideias, dos debates e daquilo que é do foro pessoal. Nas redes sociais estão também os jornalistas, seja no contexto pessoal seja no profissional, e por isso:

“Expõe os jornalistas mais do que os protege no exercício da sua função, tendo em conta o seu compromisso com valores como a isenção e imparcialidade. Um cenário que é agravado pela crescente ambiguidade entre o que é público e privado, pessoal e profissional, nestas plataformas” (Mateus, 2015, p. 33).

Como refere Cátia Mateus (2015), à luz dos estudos feitos, os jornalistas podem ver, assim, comprometidos os seus deveres de isenção e imparcialidade. Como refere a autora, as redes sociais podem, por um lado, ser uma ferramenta de trabalho para o jornalista, mas, por outro, comprometer o seu trabalho, arriscando a sua reputação, credibilidade e isenção aos olhos do público, caso deixe falar o “eu cidadão” antes do “eu jornalista”.

## Considerações finais

A Internet foi a grande inovação tecnológica nos últimos anos e veio alterar a forma de comunicar, produzir e receber conteúdos. O uso desta tecnologia cresceu de forma exponencial, é usada, hoje em dia, por grande parte dos cidadãos no mundo e veio transformar várias áreas profissionais, incluindo o jornalismo, que, tal como afirma Helder Bastos (2010, p. 21), tem sido, ao longo da história, dependente da tecnologia.

Com o crescente uso da Internet pela sociedade e pelos profissionais da comunicação e informação, os *media* tradicionais tiveram de se adaptar à nova realidade e a rotina jornalística passou a estar cada vez mais dependente da tecnologia para a recolha, edição, produção e disseminação da informação (como analisa Helder Bastos [2010]), porque nela encontrou uma forma de aproveitamento para difundir os seus conteúdos informativos e conseguir obter audiência que nos meios tradicionais não têm. No entanto, muitos utilizadores procuram formas alternativas de obter informação sem terem de pagar por ela e isso não é de todo impossível, uma vez que uma parte significativa dos *sites* dos meios tradicionais são gratuitos.

O uso da *web* nas rotinas das redações dos meios de comunicação tradicionais provocou alterações na prática jornalística, essencialmente na pesquisa de notícias e informações (como fontes, contactos e conteúdos/informações adicionais) para os seus trabalhos jornalísticos. Durante o estágio, estas ferramentas eram um costume no dia a dia na redação, mas uma falha de conexão de rede impedia de tal forma o trabalho jornalístico, tal como aconteceu, pelo menos, num dia durante umas horas, e que obrigou a que as primeiras edições dos noticiários da manhã 2 passassem para a sede, em Lisboa, pela impossibilidade de partilha dos conteúdos e de sons entre jornalistas e centros de produção e por não ser possível a atualização das agências de notícias e dos *sites* noticiosos.

Mas a pesquisa e a recolha da informação através da *web* trazem grandes vantagens para a produção das notícias, porque tornam mais rápido o trabalho do jornalista. Todavia, também trazem problemas para os jornalistas, pois, por um lado, tentam usar informação que possa ser à partida verdade e restringem a pesquisa às agências de notícias e aos meios de comunicação “credíveis”, por outro, essa restrição leva, muitas vezes, a que os conteúdos sejam idênticos entre meios de comunicação (Bastos, 2010).

A produção de notícias, principalmente com o uso da Internet, pela rapidez e instantaneidade, provocou nos jornalistas e no jornalismo a ausência de *deadline* (como refere Puccinin [citado por Amaral, 2005, p. 136]), uma vez que todos os meios de comunicação querem “ser os primeiros”. Esta cultura diminuiu a qualidade da informação e do próprio

jornalista, tornando-o apenas um mediador entre o acontecimento e o público, com a única função de relatar o que aconteceu de forma superficial. Esta tentativa de “ser o primeiro” favoreceu ainda o reforço do “jornalismo sentado”, em que se produzem notícias com base nas agências noticiosas e naquilo que as televisões e *media* na Internet difundem e favoreceu o “esquecimento” de alguns princípios jornalísticos pela procura exacerbada pelas audiências. No entanto, nem todos os meios foram afetados por essas mudanças. Durante o estágio, era perceptível a importância do uso de informações confirmadas, com qualidade e, se possível, a tempo do noticiário da hora, declarações das fontes relacionadas com o acontecimento. Em momentos de notícias de última hora, a Internet tornava-se um grande aliado na pesquisa por informações adicionais e contextuais, pelas fontes a contactar e, conseqüentemente, os seus contactos, no caso de entidades públicas, principalmente.

Esta nova realidade possibilita também a colocação quase imediata dos conteúdos nas redes sociais por parte dos utilizadores das mesmas. Com o uso apenas de um telemóvel é possível recorrer às redes sociais e estar ligado a elas praticamente o dia inteiro. Estas mudanças refletem-se também no jornalismo, mudando a forma como os jornalistas se relacionam com o meio.

Nas redes sociais estão também presentes os jornalistas. Elas permitiram, além da partilha dos trabalhos dos jornalistas nas suas próprias páginas e, por vezes, da possibilidade de encontrar notícias ou acontecimentos recentes e/ou que mereçam destaque, uma maior proximidade e intimidade com o público e com as fontes, mas isso trouxe também novas questões e exigência ao trabalho jornalístico. O uso das redes sociais provocou um esbatimento dos limites entre a esfera pública e a privada. Esse uso passa agora pela visibilidade das opiniões, das ideias, dos debates e daquilo que é do foro pessoal. As redes sociais podem ser, por um lado, uma ferramenta para o jornalista, mas, por outro lado, comprometer o seu trabalho enquanto profissional pelas informações que os mesmos coloquem nas suas páginas.

## Referências bibliográficas

### Documentos impressos

Bastos, H. (2000). *Jornalismo Eletrónico – Internet e reconfiguração de práticas nas redações*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.

Bastos, H. (2010). *Ciberjornalistas em Portugal: práticas, papéis e ética*. Lisboa: Livros Horizonte.

Crisell, A. (1994). *Understanding radio*. London and New York: Routledge.

Fontcuberta, M. (2010). *A Notícia – Pistas para compreender o mundo* (3ª ed.). Alfragide: Casa das Letras.

Mesquita, M. (2004). *O Quarto Equívoco: o poder dos media na sociedade contemporânea* (2ª ed.). Coimbra: Minerva Coimbra.

Santos, S. (2013). *Da rádio estatal ao modelo integrado: compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Traquina, N. (2007). *O que é Jornalismo* (2ª ed.). Lisboa: Quimera Editores.

Wolf, M. (2006). *Teorias da Comunicação* (10ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

### Documentos eletrónicos

Amadori, R. e Marques, M.. (2009). *A instantaneidade e a construção da notícia no jornalismo online*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Brasília. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2009/resumos/R17-0304-1.pdf>

Amaral, I. (2005). *A interatividade na esfera do Ciberjornalismo*. Livro de Actas - 4º SOPCOM, 4º Congresso SOPCOM. Aveiro. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaral-ines-interactividade-esfera-ciberjornalismo.pdf>

Amaral, S., Cardoso, G. e ESPANHA, R. (2006). *A rádios portuguesas e o desafio do (on)line*. OberCom, Investigação e Saber em Comunicação. Disponível em:

<https://obercom.pt/as-radios-portuguesas-e-o-desafio-do-on-line-set2006/>

Aroso, I. (2003). *A Internet e o novo papel do jornalista*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf>

Barone, V. (n.d.). *Fontes e redes sociais na internet: uma revisão bibliográfica*. Disponível em:

[http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Victor\\_Barone.pdf](http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Victor_Barone.pdf)

Bianco, N. (2004a). *A Internet como fator de mudança no jornalismo*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>

Bianco, N. (2004b). *A noticiabilidade do radio em tempos de Internet*. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM E II IBÉRICO, vol. IV, pp. 157-163. Disponível em:

<http://www.bocc.uff.br/pag/bianco-nelia-noticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf>

Canavilhas, J. (s.d.). *Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático*. Disponível em:

<http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>

Canavilhas, J. (2004). *Os jornalistas portugueses e a Internet*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf>

Canavilhas, J. (2005a). *Os jornalistas online em Portugal*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>

Canavilhas, J. (2005b). *Retrato dos jornalistas online em Portugal*. Livro de Actas - 4º SOPCOM, 4º Congresso SOPCOM. Aveiro. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-retrato-jornalistas-online-portugal.pdf>

Canavilhas, J. (2006a). *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*.

Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>

Canavilhas, J. (2006b). *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Disponível

em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

Canavilhas, J. (2008). *Cinco Ws e um H para o jornalismo na web*. Porto: Revista

PRISMA.COM, n°7, pp. 153-166. Disponível em:

<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/678/pdf>

Canavilhas, J. (2010). *O novo ecossistema mediático*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf>

Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã:

Livros LabCom. Disponível em:

[http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_jcanavilhas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf)

Cébrían, M. (2009). *Expansión de la ciberradio*. Disponível em:

<http://www.scielo.org.ve/pdf/enl/v6n1/art02.pdf>

Cordeiro, P. (2004a). *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspetivas de evolução*.

Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf>

Cordeiro, P. (2004b). *Rádio e Internet: novas perspetivas para um velho meio*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-internet-novas-perspectivas.pdf>

Gradim, A. (2003). *Os géneros e a convergência: o jornalista multimédia do Século XXI*.

Disponível em:

<http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>

Granado, A. (2002). *Os media portugueses na Internet*. Disponível em: <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>

Junior, V. (2013). *Fontes e redes sociais na internet: uma revisão bibliográfica*. 4º Simpósio de Ciberjornalismo. Brasil. Disponível em: [http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Victor\\_Barone.pdf](http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Victor_Barone.pdf)

Junior, W. (2007). *Primórdios das fontes digitais na produção do jornalismo tradicional*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1605-2.pdf>

Lima, J. e Filho, I. (2009). *O conceito de Aldeia Global de McLuhan aplicado ao Webjornalismo*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1816-1.pdf>

Lopes, P. (2010). *Jornalismo e linguagem jornalística: revisão conceptual de base bibliográfica*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-linguagem.pdf>

Martins, C. (2013). *Jornalismo online: a convergência de meios*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-jornalismo-online-convergencia.pdf>

Mateus, C. (2015). *A utilização das redes sociais pelos jornalistas portugueses: novos desafios éticos e deontológicos para a profissão*. Covilhã: Livros LabCom. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150522-201511\\_catiamateus\\_redessociaisjornalistas.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150522-201511_catiamateus_redessociaisjornalistas.pdf)

Pavlik, J. (2000). *The Impact of Technology on Journalism*. Journalism Studies, vol. 1, nº2, pp. 229-237. [Documento cedido na unidade curricular Jornalismo Multimédia I na licenciatura em Jornalismo, ano letivo 2013/2014]



Pombo, O. (1994). *O meio é a mensagem*. In: *McLuhan. A Escola e os Media*, 1º Caderno de História e Filosofia da Educação, Lisboa: ed. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa. Disponível em:

[http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/images/hfe/cadernos/mcluhan/estudo\\_mcl\\_olga.pdf](http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/images/hfe/cadernos/mcluhan/estudo_mcl_olga.pdf)

Resende, E. (2008). *Jornalismo e Tecnologia – O uso da internet no processo de produção de notícias*. Dissertação de Bacharel apresentada à Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/EvieSaramella.pdf>

RTP (s.d.). *Ensina RTP – A história da Rádio em Portugal*. Disponível em:

<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-da-radio/>

Santos, R. (2005). *Rádio em Portugal: Tendências e grupos de comunicação na atualidade. Comunicação e Sociedade*, vol. 7, pp.137-152. Disponível em:

<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1214>

Silva, R. (2013). *A influência tecnológica sobre a prática jornalística*. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>

Silva, R. (2004). *Sociedade em rede: cultura, globalização e formas colaborativas*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-regina-sociedade-em-rede.pdf>

Silva, R. e Alvarenga, C. (2009). *A Internet como instrumento da aldeia global*. Revista da Católica, vol.1, nº2, pp. 140-148. Disponível em:

<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/11-JORNALISMO-02.pdf>

Silveirinha, M. (2002). *Novos media, velhas questões*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-novos-media-velhas-questoes.pdf>

Simões, I. (2009). *A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação*. Disponível em:

[http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade\\_ciberespa%C3%A7o\\_Isabella.pdf](http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf)

Velho, A. (2009). *A linguagem no rádio multimídia*. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-velho-linguagem.pdf>

Vieira, J., Cardoso, G. e Mendonça, S. (2010). *Os novos caminhos da rádio: Radiomorphosis. Tendências e Prospetivas*. OberCom, Investigação e Saber em Comunicação. Disponível em:

<https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Os-novos-caminhos-da-radio-Radiomorphosis.pdf>